



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM SAÚDE ÚNICA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**SENSIBILIZAÇÃO SOBRE O RISCO DE
TRANSMISSÃO DA RAIVA E A PRESENÇA DE
ANIMAIS ERRANTES NO *CAMPUS SEDE* DA
UFRPE**

Discente: Regina Maria Vasconcelos da Silva
Orientadora: Prof.^a Dr^a Rita de Cássia Carvalho Maia
Coorientador: Prof. George Santiago Dimech

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM SAÚDE ÚNICA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**SENSIBILIZAÇÃO SOBRE O RISCO DE
TRANSMISSÃO DA RAIVA E A PRESENÇA DE
ANIMAIS ERRANTES NO *CAMPUS* SEDE DA
UFRPE**

REGINA MARIA VASCONCELOS DA SILVA

A apresentação deste Trabalho de Conclusão de Curso é exigência do Programa de Mestrado Profissional em Saúde Única da Universidade Federal Rural de Pernambuco, para obtenção do título de Mestre Profissional.

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia
Carvalho Maia

Coorientador: Me. George Santiago
Dimech

Recife, Brasil
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Suely Manzi – CRB-4 809

S586s Silva, Regina Maria Vasconcelos da.
Sensibilização sobre o risco de transmissão da raiva e a presença de animais errantes no Campus Sede da UFRPE / Regina Maria Vasconcelos da Silva. - Recife, 2025.
61 f.; il.

Orientador(a): Rita de Cássia Carvalho Maia.
Co-orientador(a): George Santiago Dimech.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Mestrado Profissional em Saúde Única, Recife, BR-PE, 2025.

Inclui referências e anexo(s).

1. Vírus da hidrofobia. 2. Zoonoses. 3. Educação sanitária. 4. Doenças transmissíveis 5. Animais como transmissores de doenças. I. Maia, Rita de Cássia Carvalho, orient. II. Dimech, George Santiago, coorient. III. Título

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rita de Cássia Carvalho Maia
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Orientadora

Profa. Dra. Luciana de Oliveira Franco
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Docente

Prof. Dr. Moacir Bezerra de Andrade
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Docente

Recife, 27/03/2025

*Ao meu amado filho Enrico, que ainda está
no meu ventre, mas já ilumina minha vida
com sua existência. Cada página desta
dissertação carrega não apenas dedicação
e esforço, mas também o imenso amor que
sinto por você.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me guiar com saúde, discernimento, coragem e determinação por essa caminhada, iluminando meus passos e me dando o equilíbrio necessário nos momentos difíceis.

Aos meus pais, José e Fátima, que sempre acreditaram em mim, na minha capacidade e competência, e sempre me deram incentivo e apoio em minha vida pessoal, profissional e acadêmica. Muito obrigada.

Ao meu esposo, Thiago, pela presença na minha vida e todo o apoio, incentivo, companheirismo, compreensão e amor. Obrigada por estar sempre presente.

À minha filha do coração, Valentina, pela compreensão, às vezes difícil, durante minha ausência e dedicação para concluir minha pesquisa.

À minha querida irmã Fernanda pelo apoio e incentivo dado durante todo o período deste mestrado.

À Profa. Dra. Rita Maia, minha orientadora, pela sabedoria, pelas cobranças, paciência, pela disposição para atender e ouvir, e principalmente por transmitir seus ensinamentos que me fizeram evoluir durante essa jornada, o meu agradecimento.

Aos amigos de turma pelas experiências compartilhadas, em especial a Juliana, que fez uma diferença muito grande em vários momentos da minha vida, compartilhando as dificuldades de cada etapa que passamos.

À minha querida amiga, Rosa Galdino, minha sincera gratidão por todo o apoio, incentivo e parceria ao longo desta jornada no mestrado. Suas palavras de encorajamento foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

A Igor Oliveira que, com muito carinho e paciência, fez a edição da cartilha, um dos frutos desse trabalho.

À equipe do Laboratório de Virologia Animal (LAVIAN) do Departamento de Medicina Veterinária, em especial Yasmim, Clara, Jerlane, Igor, Laís, Thamyres, Aline e Sophia, que contribuíram com as ações de Educação em Saúde.

A todos os professores do Programa de Mestrado profissional em Saúde Única, pelos ensinamentos e conhecimentos transmitidos.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	08
RESUMO.....	09
ABSTRACT.....	10
1. INTRODUÇÃO.....	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1 Definição, transmissão e ciclos epidemiológicos.....	14
2.2 Manifestações clínicas, diagnóstico e tratamento.....	15
2.2.1 Diagnóstico diferencial.....	16
2.3 Medidas de prevenção e controle.....	18
2.4 Epidemiologia.....	19
2.5 Animais Errantes e Animais Comunitários.....	22
2.6 Raiva, Saúde Única e Educação em Saúde.....	25
3. OBJETIVOS.....	26
3.1 Objetivo Geral.....	26
3.2 Objetivos Específicos.....	26
4. METODOLOGIA.....	27
4.1 Local do Estudo.....	27
4.2 Tipo de Estudo.....	28
4.3 População do Estudo.....	28
4.4 Amostra do Estudo.....	28
4.5 Critérios de inclusão.....	29
4.6 Critérios de exclusão.....	29
4.7 Coleta de Dados.....	29
4.8 Plano de análise de dados.....	30
4.9 Procedimentos ético-legais.....	30
5. RESULTADOS.....	31
6. DISCUSSÃO.....	41
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
8. REFERÊNCIAS.....	45
ANEXO I.....	51
ANEXO II.....	56
ANEXO III.....	59

ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP - COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

FAO - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA

OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE

OMSA - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE ANIMAL

OPAS - ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE

LAVIAN - LABORATÓRIO DE VIROLOGIA ANIMAL

PNPR - PROGRAMA NACIONAL DE PREVENÇÃO DA RAIVA

PROGEST - PRÓ-REITORIA DE GESTÃO ESTUDANTIL

PROGEPE - PRÓ-REITORIA DE GESTÃO DE PESSOAS

PMPSU - PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM SAÚDE ÚNICA

SVSA - SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE E AMBIENTE

UFRPE - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

RESUMO

A raiva é uma infecção viral grave que acomete todos os mamíferos, incluindo seres humanos. Caracteriza-se por ser uma encefalite progressiva e fatal, com taxa de mortalidade próxima a 100%. Em ambientes urbanos, cães e gatos são os principais vetores da infecção, desempenhando um papel central na sua transmissão. A presença de animais errantes em espaços universitários, como o *Campus* Sede da UFRPE, não apenas gera discussões dentro da comunidade acadêmica, mas também representa um risco significativo para a saúde pública e o equilíbrio ambiental. Sendo uma das zoonoses mais relevantes em saúde pública, a raiva demanda um alto nível de conscientização sobre seus riscos, principalmente em locais com grande circulação de pessoas e animais. O controle da doença enfrenta desafios adicionais devido à presença desses animais errantes, tornando essencial a implementação de estratégias eficazes de manejo e sensibilização. Diante desse cenário, este estudo teve como principal objetivo desenvolver ações educativas e de conscientização sobre os riscos da transmissão da raiva e os impactos da presença de animais errantes no *Campus* Sede da UFRPE. As ações foram direcionadas à comunidade acadêmica e tutores de animais, visando ampliar o conhecimento sobre o tema e incentivar práticas preventivas. Trata-se de um estudo de natureza descritiva e exploratória, utilizando abordagens quantitativas. Para avaliar o nível de conhecimento da comunidade acadêmica sobre a raiva e os riscos associados aos animais errantes, foi aplicado um questionário online por meio da ferramenta Google Forms. O público-alvo incluiu docentes, técnicos administrativos, estudantes e funcionários terceirizados, totalizando 214 participantes. Os resultados revelaram que 19,2% dos entrevistados já haviam sido mordidos por um animal na UFRPE, sendo que, destes, 68,8% relataram ataques por gatos. Entre os afetados, 59,4% lavaram o ferimento com água e sabão, enquanto apenas 9,4% procuraram atendimento médico. Além disso, 79,1% dos participantes afirmaram já ter visto animais silvestres no campus, sendo o sagui o mais citado (84,7%). Outro dado relevante foi que 28,8% dos entrevistados admitiram alimentar os animais errantes, com a principal justificativa sendo a compaixão pelos animais (72,2%). A maioria dos participantes demonstrou conhecimento sobre a transmissão, os animais suscetíveis, os sintomas e a prevenção da raiva. Como produtos técnicos do estudo, foram desenvolvidos materiais educativos, incluindo cartilha, cartazes e panfletos, que foram distribuídos nos departamentos acadêmicos e administrativos e entre tutores de animais atendidos pelo Hospital Veterinário da UFRPE. Além disso, foi produzido um vídeo informativo que foi divulgado nas redes sociais, ampliando o alcance da campanha e reforçando a disseminação de informações sobre a prevenção da raiva e a necessidade da gestão responsável dos animais errantes.

Palavras-chave: Vírus rábico, Zoonoses, Educação em Saúde, Animais Abandonados

ABSTRACT

Rabies is a severe viral infection that affects all mammals, including humans. It is characterized as a progressive and fatal encephalitis, with a mortality rate close to 100%. In urban environments, dogs and cats are the primary vectors of infection, playing a central role in its transmission. The presence of stray animals in university spaces, such as the Main *Campus* of UFRPE, not only sparks discussions within the academic community but also represents a significant risk to public health and environmental balance. As one of the most relevant zoonotic diseases in public health, rabies requires a high level of awareness regarding its risks, especially in areas with a high circulation of people and animals. Controlling the disease faces additional challenges due to the presence of stray animals, making the implementation of effective management and awareness strategies essential. Given this scenario, this study aimed to develop educational and awareness-raising actions regarding the risks of rabies transmission and the impacts of stray animals at the UFRPE Main *Campus*. The actions were directed toward the academic community and pet owners, aiming to expand knowledge on the subject and encourage preventive practices. This is a descriptive and exploratory study using quantitative approaches. To assess the level of knowledge of the academic community about rabies and the risks associated with stray animals, an online questionnaire was administered through Google Forms. The target audience included professors, administrative staff, students, and outsourced employees, totaling 214 participants. The results revealed that 19.2% of respondents had been bitten by an animal at UFRPE, with 68.8% of these cases involving cat attacks. Among those affected, 59.4% washed the wound with soap and water, while only 9.4% sought medical attention. Additionally, 79.1% of participants reported having seen wild animals on *campus*, with the marmoset being the most commonly mentioned species (84.7%). Another significant finding was that 28.8% of respondents admitted to feeding stray animals, with compassion for the animals being the main reason (72.2%). Most participants demonstrated knowledge about rabies transmission, susceptible animals, symptoms, and prevention. As technical products of the study, educational materials—including booklets, posters, and flyers—were developed and distributed across academic and administrative departments, as well as among pet owners assisted by the UFRPE Veterinary Hospital. Additionally, an informational video was produced and shared on social media, expanding the campaign's reach and reinforcing the dissemination of information on rabies prevention and the need for responsible stray animal management.

Keywords: Rabies Virus, Zoonoses, Health Education, Abandoned Animals

1 - INTRODUÇÃO

O conceito de Saúde Única reconhece a conexão entre a saúde humana, animal e ambiental, enfatizando a interdependência entre esses elementos (BRASIL, 2023a). Essa abordagem multidisciplinar e intersetorial tem como objetivo promover, proteger e restaurar a saúde, além de combater ameaças que afetam diferentes áreas (COUTO e BRANDESPIM, 2020). Organizações internacionais, como a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Organização Mundial da Saúde Animal (OIE) e a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), reforçam essa visão ao destacar a relação direta entre o meio ambiente, as doenças em animais e a saúde humana (OIE, 2023).

As zoonoses são doenças infecciosas transmitidas entre animais domésticos ou silvestres e seres humanos. O crescimento urbano desordenado tem agravado questões ambientais, levando à destruição de habitats naturais e ao aumento do contato com animais sinantrópicos, o que favorece a disseminação de doenças emergentes e reemergentes. Essas mudanças ambientais influenciam diretamente a propagação das zoonoses, afetando os três pilares da Saúde Única (SILVA et al., 2020).

A interação entre humanos e animais ocorre em diversos contextos e pode facilitar a transmissão de patógenos, contribuindo para a ocorrência de zoonoses. Estima-se que cerca de 60% das doenças que afetam os seres humanos tenham origem zoonótica, assim como 70% das enfermidades emergentes e reemergentes. O crescimento da população de animais domésticos tem intensificado essa convivência, tornando a saúde animal um fator essencial para a saúde humana e o equilíbrio dos ecossistemas (AGUIRRE, 2019; OIE, 2023).

Nesse contexto, a raiva se destaca como uma zoonose viral grave que acomete mamíferos, incluindo seres humanos. A doença é caracterizada por uma encefalite progressiva com taxa de letalidade próxima a 100% (BRASIL, 2022). O agente causador pertence ao gênero *Lyssavirus*, da família *Rhabdoviridae*, e sua transmissão ocorre principalmente por meio da saliva de animais infectados, seja através de mordidas, arranhaduras ou contato com mucosas (BRASIL, 2022). No Brasil, a transmissão da raiva ocorre por meio de diferentes ciclos epidemiológicos: urbano, rural, silvestre aéreo e silvestre terrestre. Em áreas urbanas, cães e gatos são os principais transmissores, enquanto, no ambiente silvestre, morcegos desempenham um papel central na manutenção do vírus. Além desses, outros mamíferos, como raposas, saguis e gambás, também

possuem relevância na disseminação da doença Na zona rural, a doença afeta animais de produção, como bovinos, equinos e outros. (ACHA e SZYFRES, 2003).

A presença de animais errantes em espaços públicos e universitários representa um desafio para a saúde pública, pois esses animais podem atuar como vetores de doenças (OMS, 2020). De acordo com estimativas da Organização Mundial da Saúde, há cerca de 30 milhões de cães e gatos vivendo em situação de abandono no Brasil (SECRETARIA DE MEIO AMBIENTE, 2023). Em ambientes universitários, como o *Campus* Sede da UFRPE, a presença desses animais gera divergências entre os membros da comunidade acadêmica e levanta preocupações sobre os riscos de transmissão de zoonoses, como a raiva (PELLENZ, 2020).

Sendo uma das doenças infecciosas mais letais, a raiva exige esforços contínuos de conscientização para garantir medidas eficazes de prevenção e controle. A falta de informação sobre a doença ainda é um obstáculo, tanto entre a população geral quanto entre profissionais de saúde (SARAIVA; THOMAZ; CALDAS, 2014). Em diversos países, a Educação em Saúde tem sido utilizada como estratégia para minimizar os riscos de transmissão da raiva e promover a adoção de práticas preventivas (PEDROSA; CASEIRO; GAGLIANI, 2018).

A Educação em Saúde é definida pelo Ministério da Saúde como um processo que busca fornecer conhecimento à população, permitindo maior autonomia no cuidado com a saúde. Além disso, envolve práticas que estimulam o engajamento social e a adoção de hábitos preventivos (BRASIL, 2013). A colaboração entre academia, sociedade e poder público é essencial para o desenvolvimento de estratégias eficazes de prevenção de zoonoses, favorecendo uma convivência equilibrada entre humanos e animais (RIBEIRO, 2020).

A conscientização da população, especialmente de tutores de animais domésticos, sobre doenças infectocontagiosas é uma necessidade atual. A sociedade tem um papel central na manutenção da saúde coletiva, do bem-estar animal e da preservação ambiental (ULHOA, 2012). No contexto universitário, a falta de informação sobre a raiva e os riscos associados à presença de animais errantes dificulta a implementação de medidas preventivas, tornando fundamental a realização de iniciativas educativas sobre o tema (LIMA et al., 2019).

A raiva exemplifica a interconexão entre saúde humana, animal e ambiental,

demonstrando como as alterações ecológicas influenciam a dinâmica da doença. Mudanças ambientais, como o desmatamento, favorecem o deslocamento de animais silvestres para áreas urbanas, aumentando a probabilidade de contato com animais domésticos e humanos, o que impacta diretamente a cadeia epidemiológica da raiva (BRASIL, 2023a). Conforme destacado por Aggarwal e Ramachandran (2020), a raiva é uma doença que envolve múltiplos fatores ecológicos e, por isso, o conceito de Saúde Única é essencial para sua vigilância e controle.

Diante desse cenário, o presente estudo tem como objetivo principal desenvolver ações de Educação em Saúde voltadas para a comunidade acadêmica e tutores de animais no *Campus* Sede da UFRPE. A pesquisa busca sensibilizar esse público sobre os riscos da transmissão da raiva associados à presença de animais errantes no ambiente universitário, promovendo medidas preventivas e incentivando a adoção de práticas responsáveis no manejo desses animais.

2 - REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Definição, transmissão e ciclos epidemiológicos

A raiva é uma doença infecciosa causada por um vírus que compromete o sistema nervoso central, levando a uma encefalite aguda progressiva com taxa de letalidade próxima a 100% (BRASIL, 2024). O agente etiológico da doença, o *Rabies lyssavirus*, pertence à família *Rhabdoviridae* e ao gênero *Lyssavirus*. Estruturalmente, possui um formato semelhante ao de um projétil e seu genoma é composto por uma única fita de RNA, envolvida por um envelope lipídico (WUNNER, 2005; CARNIELI; FAHL; CASTILHO, 2009). O gênero *Lyssavirus* é composto por 16 variantes distintas, mas no Brasil apenas o genótipo 1, *Rabies lyssavirus* (RABV), circula na população animal e humana (KOTAIT; CARRIERI; TAKAOKA, 2009).

Todos os mamíferos são suscetíveis ao vírus e, uma vez infectados, podem transmiti-lo a outros indivíduos. A principal via de transmissão ocorre pela inoculação do vírus presente na saliva do animal doente, geralmente por meio de mordidas, arranhaduras ou lambeduras em mucosas ou feridas abertas (BRASIL, 2019). Após a infecção, o vírus se multiplica no local da lesão e se desloca pelo sistema nervoso periférico até atingir o sistema nervoso central, disseminando-se posteriormente para diversos órgãos, incluindo as glândulas salivares, de onde é eliminado através da saliva (ACHA e SZYFRES, 2003). Além do contato direto, existem outras formas menos frequentes de transmissão, como a inalação de aerossóis contaminados (em cavernas habitadas por morcegos infectados ou em laboratórios que manipulam o vírus), transplantes de órgãos infectados, manuseio de carcaças contaminadas e consumo de carne infectada (DUARTE e DRAGO, 2005; KOTAIT; CARRIERI; TAKAOKA, 2009).

A raiva é mantida na natureza por meio de diferentes ciclos epidemiológicos, classificados como urbano, rural, silvestre aéreo e silvestre terrestre. No ciclo urbano, os principais transmissores são cães e gatos. Já na zona rural, a doença acomete principalmente animais de produção, como bovinos e equinos. No ambiente silvestre, os morcegos desempenham um papel crucial na manutenção do vírus, mas outros mamíferos, como canídeos silvestres (cachorros-do-mato e raposas) e primatas não humanos (saguís), também podem atuar como vetores da doença (ACHA e SZYFRES, 2003).

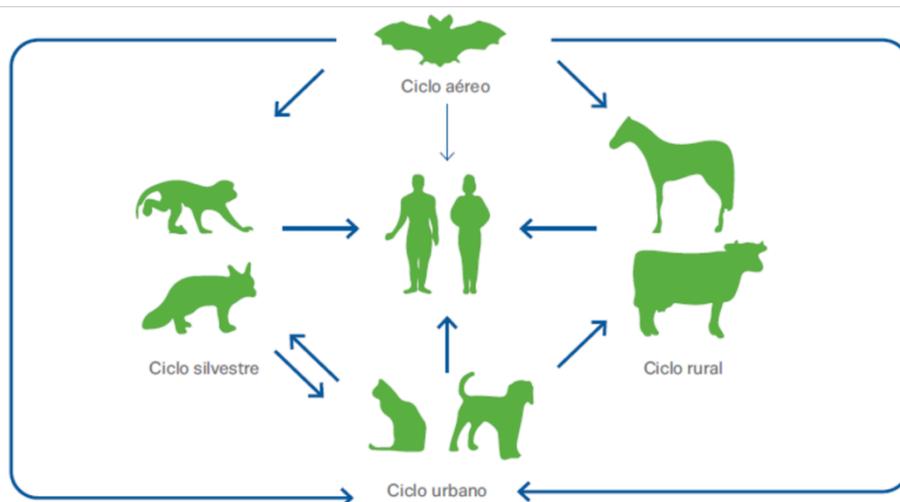


Figura 1 - Ciclos epidemiológicos de transmissão da raiva
 Fonte: BRASIL, 2022

O período de incubação do vírus varia de alguns dias a vários meses, dependendo da localização e gravidade da mordida, da carga viral transmitida e da proximidade do ferimento em relação ao cérebro. Em humanos, a incubação dura, em média, 45 dias, mas pode ser mais curta em crianças. Em cães, o período de incubação varia de 40 a 120 dias, enquanto nos herbívoros pode ser de 25 a 90 dias (BRASIL, 2008). Em animais silvestres não há estimativa para o período de incubação definido, por falta de informações concretas para cada espécie. Nos cães e gatos a eliminação de vírus pela saliva ocorre de dois a cinco dias antes do aparecimento dos sinais clínicos e persiste durante toda a evolução da doença. A morte do animal acontece, em média, entre cinco e sete dias após a apresentação dos sintomas (BRASIL, 2008).

2.2 Manifestações clínicas, diagnóstico e tratamento

Em humanos, nos estágios iniciais da doença, os sintomas são inespecíficos e incluem febre baixa, dor de cabeça, náuseas, dor de garganta e mal-estar. Outros sinais incluem irritabilidade, ansiedade e sensação de formigamento no local da mordida (WHO, 2018). Com a progressão da infecção, surgem espasmos musculares involuntários, hiperexcitabilidade, delírios e dificuldades para engolir líquidos (hidrofobia), resultando em salivação excessiva (GOMES et al., 2012). A doença evolui para paralisia dos músculos respiratórios, insuficiência cardiorrespiratória e, conseqüentemente, óbito,

geralmente entre dois e sete dias após o início dos sintomas (WHO, 2018).

Nos animais a doença apresenta duas formas clínicas bem características: a forma furiosa, que se manifesta com agressividade, hiperatividade e alucinações, evoluindo rapidamente para a morte; e a forma paralítica, marcada por apatia, paralisia, coma e, posteriormente, óbito (PICARD-MEYER et al., 2019). Segundo Fernandes e Riet-Correa (2007), a forma furiosa é mais comum em cães e está geralmente associada a lesões cerebrais, enquanto a forma paralítica está relacionada a lesões na medula espinhal e no tronco encefálico, sendo mais frequente em herbívoros. O nervo faríngeo pode ser acometido, levando à imobilidade da faringe, o que impede o animal de se alimentar e ingerir água. Essa dificuldade em deglutir provoca dor, gerando a característica hidrofobia. Além disso, o animal pode apresentar latido rouco e produção excessiva de saliva (LIMA e GAGLIANI, 2014)

O diagnóstico clínico da raiva em humanos baseia-se na análise do histórico do paciente e nos sinais apresentados. Para confirmação laboratorial, são utilizados exames como a imunofluorescência direta, que detecta o vírus em amostras de córnea, mucosa lingual, tecido bulbar dos folículos pilosos ou líquido cefalorraquidiano (LCR). No entanto, esses exames possuem limitações, e um resultado negativo não exclui a infecção (GOMES et al., 2012; BRASIL, 2023).

A sorologia não é comumente empregada no diagnóstico de casos suspeitos de raiva em animais. Nesses casos, a análise *post mortem* do sistema nervoso central, por meio da detecção de antígenos virais, é considerada um método altamente eficaz para a confirmação da doença. (BATISTA; FRANCO; ROEHE, 2007).

2.2.1 Diagnóstico diferencial

Quando as manifestações clássicas da doença e a história epidemiológica não estão bem definidas, o diagnóstico torna-se mais incerto, podendo levar à confusão com outras condições. Assim, é essencial excluir outras doenças infecciosas, como tétano, síndrome de Guillain-Barré, pasteurelose (decorrente de mordedura de cão ou gato), infecção pelo vírus B (Herpesvirus simiae, transmitido por mordedura de macaco), botulismo, febre por mordida de rato (Sodóku), febre por arranhadura de gato (linforreticulose benigna de

inoculação), encefalite pós-vacinal, distúrbios psiquiátricos, outras encefalites virais (particularmente causadas por outros rhabdovírus) e tularemia. Ademais, encefalites resultantes de infecção por arbovírus e intoxicações por mercúrio, especialmente na região Amazônica, podem apresentar sintomas semelhantes aos da raiva. Para um diagnóstico mais preciso, a anamnese deve ser conduzida de maneira detalhada, idealmente com o apoio de um acompanhante, e devidamente registrada, enfatizando sintomas inespecíficos, além de antecedentes epidemiológicos e vacinais (BRASIL, 2023).

O tratamento da raiva, quando a doença já se manifestou, é extremamente complexo e raramente resulta em cura, reforçando a importância da prevenção. O Protocolo de Milwaukee, desenvolvido nos Estados Unidos em 2004, e o Protocolo de Recife, aplicado no Brasil a partir de 2008, envolveram o uso de sedação profunda e antivirais para tentar controlar a progressão da infecção. No entanto, a taxa de sucesso do tratamento é baixa, e os poucos sobreviventes costumam apresentar sequelas neurológicas graves (WILLOUGHBY JR. et al., 2005; BRASIL, 2009).

No Brasil, o Protocolo de Recife foi elaborado após o primeiro caso bem-sucedido de tratamento da raiva, ocorrido em 2008, na cidade de Recife, Pernambuco. O paciente, um jovem de 15 anos infectado pelo vírus da raiva após a mordida de um morcego hematófago, evoluiu com a cura e eliminação viral (clearance) no Centro de Doenças Infecciosas do Hospital Universitário Oswaldo Cruz da Universidade de Pernambuco (BRASIL, 2009). Atualmente, o paciente convive com sequelas da doença, incluindo atrofia dos membros superiores e inferiores, bem como dificuldades na fala (UOL, 2023). O segundo caso de cura clínica da raiva humana no Brasil foi registrado em 2017, envolvendo o adolescente Mateus Castro, que sobreviveu à doença após ser atacado por um morcego na zona rural de Barcelos, a mais de 400 km de Manaus (SECRETARIA DE ESTADO DE SAÚDE DO AMAZONAS, 2018).

2.3 Medidas de prevenção e controle

A vacinação é a principal forma de prevenção da raiva. O desenvolvimento da primeira vacina eficaz, por Louis Pasteur, na década de 1880, foi um marco histórico para o controle da doença (WILSON, 2020). No Brasil, a vacinação de cães e gatos é realizada anualmente por meio das Campanhas Nacionais de Vacinação, que começaram na década de 1970 com a criação do Programa Nacional de Prevenção da Raiva (PNPR) (BRASIL, 2023).

Para pessoas expostas a riscos frequentes, como veterinários, biólogos e pesquisadores, recomenda-se a profilaxia pré-exposição, que consiste na vacinação preventiva. Já a profilaxia pós-exposição (PEP) é indicada para indivíduos que sofreram agressões por animais com suspeita de raiva. O primeiro passo nesses casos é a limpeza imediata do ferimento com água e sabão. Se o animal puder ser monitorado por dez dias e permanecer saudável, a vacinação pode ser dispensada. No entanto, se o animal desaparecer, morrer ou apresentar sintomas, a imunização deve ser iniciada imediatamente (BRASIL, 2022).

De acordo com a Nota Técnica nº 8/2022-CGZV/DEIDT/SVS/MS, a primeira medida a ser adotada após uma agressão por um animal com potencial de transmissão da raiva é lavar imediatamente e minuciosamente a ferida com água e sabão. Se o animal puder ser observado por um período de até 10 dias, recomenda-se aguardar esse tempo em quarentena antes de buscar atendimento médico. Caso o animal não apresente sinais clínicos da doença, não tenha alterações comportamentais, não morra e não desapareça, a necessidade de medidas profiláticas para a pessoa agredida é descartada. No entanto, se o animal agressor não puder ser observado — como nos casos de animais domésticos de rua, animais que tenham fugido, morrido ou pertencentes a qualquer espécie silvestre —, a recomendação é que a pessoa agredida procure imediatamente uma unidade de saúde. Nessa ocasião, será avaliada a situação e, se necessário, iniciado o protocolo profilático de pós-exposição (vacina e/ou soro). (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022).



Figura 2 - Esquema prático em caso de agressão por animal com potencial de transmissão da raiva. Fonte: Editora Universitária da UFRPE.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) destaca que uma cobertura vacinal superior a 70% da população canina estimada é uma medida eficaz para o controle da raiva no ciclo urbano (WHO, 2018). Embora os índices de cobertura vacinal tenham apresentado oscilações nos últimos anos no Brasil, a campanha nacional continua sendo um instrumento essencial para o controle da raiva em cães e gatos, contribuindo para a expressiva redução das taxas de mortalidade por raiva humana causada pelas variantes 1 e 2 do vírus. Atualmente, a maioria dos casos humanos está associada a variantes transmitidas por animais silvestres (WADA; ROCHA; ELKHOURY, 2011; BRASIL, 2019).

2.4 Epidemiologia

A raiva é uma das doenças mais antigas registradas, com relatos históricos que remontam a 2300 a.C. na Mesopotâmia. Há registros legais dessa época que já impunham responsabilidade aos donos de cães por incidentes envolvendo mordidas, pois acreditava-se que esses animais poderiam desenvolver comportamentos agressivos que levavam à loucura (WILSON, 2020).

Essa zoonose continua sendo um problema de saúde pública global, estando presente em mais de 150 países. Estima-se que cerca de 60 mil pessoas morrem anualmente devido à infecção pelo vírus rábico, sendo a maioria dos casos registrados na Ásia e na África, onde o controle da doença ainda é um desafio (WHO, 2018).

No Brasil, foram notificados 48 casos de raiva humana nos últimos 15 anos, sendo a maior parte decorrente de ataques de morcegos, seguidos por incidentes envolvendo cães, felinos, primatas não humanos, raposas e bovinos. A distribuição dos casos revela que a

maior incidência ocorreu na Região Nordeste (43,75%), seguida pelas Regiões Norte (31,25%), Sudeste (16,67%), Centro-Oeste (6,25%) e Sul (2,08%) (BRASIL, 2024). A alta prevalência da doença no Nordeste pode estar associada a fatores socioeconômicos e limitações no acesso a serviços de saúde e controle animal (COHN, 2013).

Desde o início dos anos 2000, a situação epidemiológica da raiva no país tem sofrido mudanças significativas. O aumento da cobertura vacinal de cães e gatos contribuiu para a redução dos casos de transmissão urbana. Os últimos registros de raiva humana causada por cães ocorreram em 2013, no estado do Maranhão, e em 2015, no Mato Grosso do Sul. Assim, o Brasil conseguiu atingir um período de quase 10 anos sem novos casos de transmissão canina, superando o prazo mínimo de cinco anos exigido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para certificação de um território como livre de raiva urbana. No entanto, apesar desse avanço, os casos de raiva transmitida por animais silvestres vêm aumentando, principalmente em decorrência de infecções causadas por morcegos, que se tornaram a principal via de transmissão do vírus rábico para humanos no país (BRASIL, 2024). Dados da Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente (SVSA) indicam que, entre 2005 e 2024, 64,8% dos casos de raiva humana no Brasil tiveram origem em interações com animais silvestres (BRASIL, 2025).

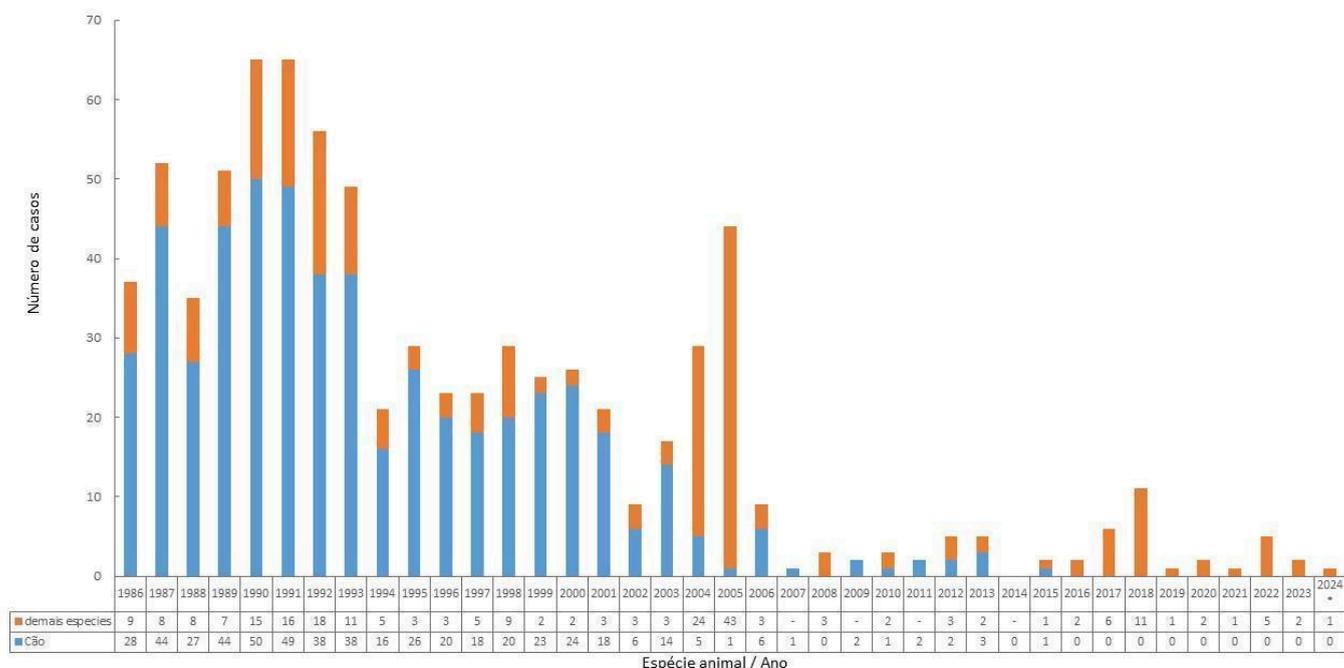


Figura 3 - Casos de raiva humana, no Brasil, segundo espécie animal agressor de 1986 a 2024. Fonte: SVSA - MS 2024.

Nos anos de 2020 e 2021, foram registrados no Brasil dois casos de raiva humana resultantes de ataques por raposas. Nos últimos anos, ataques de primatas do gênero *Callithrix* (saguís) foram responsáveis por três casos de raiva humana na Região Nordeste entre 2023 e 2025, correspondendo a 33,3% dos registros nacionais nesse período (BRASIL, 2025). Em 2025, Pernambuco voltou a registrar um caso de raiva humana após oito anos sem ocorrências da doença. A vítima, uma mulher de 56 anos, moradora de Santa Maria do Cambucá, no Agreste, foi mordida por um sagui e veio a óbito em decorrência da infecção (SECRETARIA ESTADUAL DE SAÚDE DE PERNAMBUCO, 2025).

O crescimento urbano desordenado e o desmatamento têm contribuído para alterações no habitat de diversas espécies silvestres, incluindo morcegos, o que favorece sua presença em áreas urbanizadas. Esses animais encontram nesses ambientes condições propícias para abrigo e alimentação, utilizando estruturas como bueiros e frestas de prédios para se alojar (MASSOTE, 2021). Como os morcegos são os principais reservatórios do vírus rábico na natureza, qualquer comportamento atípico desses animais, como atividade diurna ou dificuldade para voar, deve ser prontamente comunicado aos órgãos de vigilância ambiental, que realizam a captura seguindo as diretrizes do Guia de Vigilância em Saúde (BRASIL, 2022).

A raiva silvestre vem ganhando maior relevância epidemiológica, pois a presença desses animais em áreas urbanas e periurbanas aumenta a possibilidade de transmissão da doença. Isso ocorre devido à oferta de alimento e ao impacto ambiental provocado pela degradação de seus habitats naturais. A migração de animais silvestres para áreas urbanas pode comprometer o controle da raiva em locais onde a doença já estava sob controle entre os animais domésticos (KOTAIT, 2007).

Os desafios no combate à raiva silvestre incluem a alta capacidade adaptativa do vírus e fatores ambientais, como o desmatamento e a precariedade do saneamento básico em algumas regiões, o que pode favorecer a interação entre humanos e animais infectados (OMSA, 2022). Outro fator crítico é a falta de conscientização da população sobre os riscos da doença e a importância da vacinação pós-exposição em casos de contato com animais suspeitos. Por isso, campanhas educativas são fundamentais para alertar a população sobre os perigos da raiva e incentivar a busca imediata por assistência médica ao menor sinal de exposição ao vírus. Além disso, é essencial garantir a capacitação contínua dos profissionais de saúde para que possam atuar de forma eficaz na prevenção da doença

(VARGAS et al., 2013; BRASIL, 2022).

Na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), é comum a presença de animais silvestres como raposas, saguis e timbus, que buscam alimento nos locais onde cães e gatos errantes costumam ser alimentados. Esse contato frequente entre animais silvestres, domésticos e a comunidade acadêmica pode aumentar o risco de transmissão do vírus rábico no *campus*, reforçando a necessidade de medidas preventivas e educativas sobre a doença.

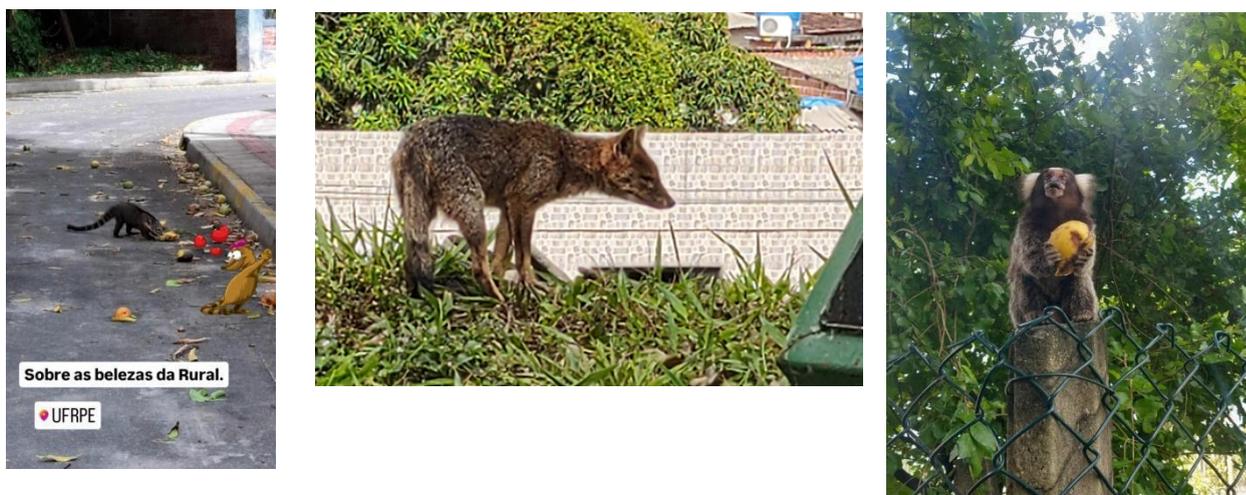


Figura 4- Animais silvestres no *Campus* Sede da UFRPE.
Fonte: Instagram / arquivo pessoal

2.5 Animais Errantes e Animais Comunitários

Embora o controle da raiva em cães e gatos tenha avançado significativamente nas últimas três décadas, esses animais ainda são vistos como os principais responsáveis pela disseminação da doença, quando, na realidade, também são vítimas do problema (BRASIL, 2022). A presença de animais errantes nas ruas representa um desafio para a saúde pública, dificultando a implementação de medidas preventivas e contribuindo para a propagação de zoonoses (LIMA e GAGLIANI, 2014). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), estima-se que cerca de 30 milhões de cães e gatos estejam em situação de abandono no Brasil (SECRETARIA DE MEIO AMBIENTE, 2023).

O crescimento descontrolado da população de animais errantes é um dos principais entraves para o manejo adequado desses animais. A ausência de políticas eficazes de controle de natalidade e o abandono frequente agravam ainda mais a situação, tornando a superpopulação um problema persistente (PAIXÃO, 2001; REGAN, 2006). No passado, a

prática de extermínio de animais errantes foi utilizada como estratégia para reduzir sua população. No entanto, além de ser uma abordagem eticamente questionável, essa medida mostrou-se ineficaz e custosa, pois envolvia despesas com captura, abrigo temporário e sacrifício. Com o passar dos anos, o avanço no conhecimento epidemiológico e nas políticas de bem-estar animal levou à proibição dessa prática (JOFFILY, 2013).

O controle populacional desses animais é promovido por meio da castração, conforme determina a Lei nº 13.426/2017. Além disso, campanhas educativas sobre posse responsável têm sido incentivadas, seguindo recomendações da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) e da OMS (OLIVEIRA et al., 2020).

O conceito de posse responsável envolve o compromisso do tutor em garantir o bem-estar do animal, atendendo suas necessidades básicas e prevenindo riscos à sociedade e ao meio ambiente (SOUZA et al., 2005). Esse conceito está fundamentado em cinco princípios essenciais: nutrição adequada, condições sanitárias apropriadas, ambiente seguro, respeito ao comportamento natural da espécie e bem-estar psicológico (MOLENTO, 2006). A esterilização tem sido amplamente reconhecida como uma solução eficaz para conter o crescimento da população de animais errantes. Essa medida, aliada à conscientização da sociedade sobre a importância do cuidado responsável, contribui para minimizar os impactos negativos do abandono e da proliferação descontrolada desses animais (OLIVEIRA et al., 2020).

Em algumas instituições de ensino, a presença de animais errantes tem gerado discussões e preocupações. Um exemplo disso ocorre na Universidade Federal do Pampa, no *campus* Uruguaiana, onde cães e gatos abandonados são frequentemente avistados. A convivência desses animais com a comunidade acadêmica pode gerar riscos à fauna local, além de aumentar a possibilidade de acidentes, ataques e transmissão de doenças. O fato de a instituição contar com um curso de Medicina Veterinária e um hospital veterinário também pode influenciar o aumento do abandono na área. Por isso, é essencial realizar estudos para entender a relação entre a comunidade universitária e esses animais, bem como desenvolver estratégias para reduzir sua presença no *campus* de maneira ética e sustentável (PELLENZ et al., 2020).

A UFRPE reconhece a necessidade de abordar essa questão e, por meio da **Resolução CONSU/UFRPE nº 349, de 12 de julho de 2023**, estabeleceu a Política de Saúde Única. Esse documento propõe ações voltadas para a promoção da saúde e a

mitigação de riscos nos ambientes universitários, incluindo medidas para o bem-estar animal, controle populacional de cães e gatos, prevenção do abandono, incentivo à posse responsável e gestão de animais comunitários (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2023).

De acordo com essa Resolução, um animal comunitário é aquele que estabelece vínculos de dependência com uma comunidade específica, mas que não tem um responsável único e definido. A Universidade assume responsabilidade temporária sobre esses animais, que nasceram ou se estabeleceram nos *campi*. Para evitar problemas de saúde, é necessário que esses animais sejam castrados cirurgicamente, cadastrados formalmente e tratados, preferencialmente, em projetos de ensino, pesquisa, extensão e/ou gestão. Esses projetos devem ser aprovados por Comitês de Ética e podem ser realizados por meio de convênios ou contratos. Os animais são tutelados por profissionais qualificados e vinculados a esses projetos, que têm a responsabilidade de oferecer os cuidados necessários, além de prevenir o aumento do abandono de animais no *campus*.

O controle adequado da população de animais errantes está diretamente ligado ao conceito de Saúde Única, que enfatiza a interdependência entre a saúde humana, animal e ambiental. Estudos indicam que a redução da superpopulação de animais de rua traz benefícios não apenas para o bem-estar dos próprios animais, mas também para a sociedade e o meio ambiente. A diminuição do número de cães e gatos errantes reduz os riscos de disseminação de doenças, minimiza impactos ambientais e contribui para a redução de custos com saúde pública. Dessa forma, a castração, aliada a campanhas de conscientização, surge como a abordagem mais eficaz para lidar com esse problema de maneira sustentável (BORTOLOTTI e D'AGOSTINO, 2012).

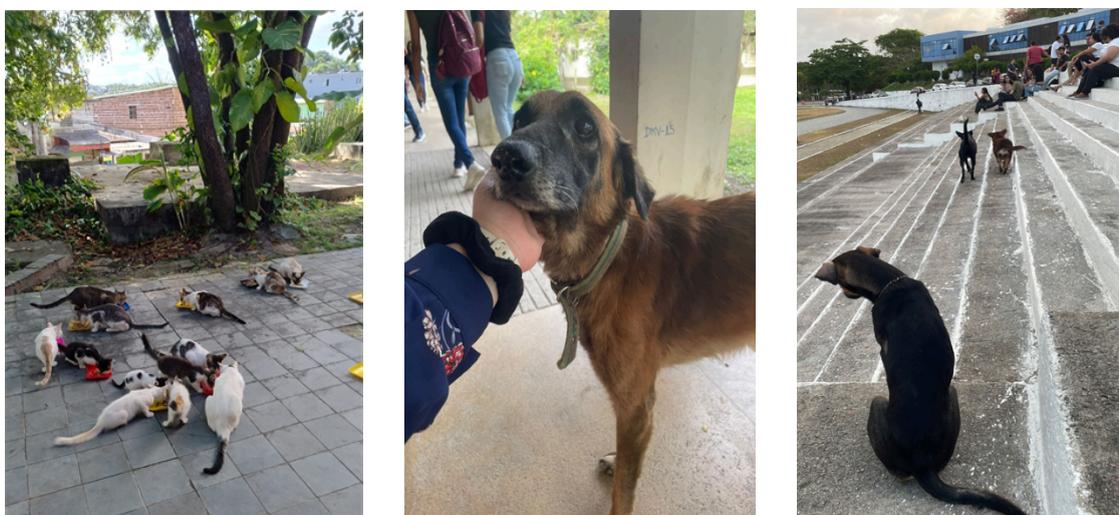


Figura 5 - Cães e gatos do *Campus* Sede da UFRPE / Fonte: Arquivo pessoal

2.6 Raiva, Saúde Única e Educação em Saúde

A raiva exemplifica a relevância do conceito de Saúde Única na prevenção, detecção e resposta a ameaças sanitárias, contribuindo para o bem-estar geral. O desmatamento crescente representa um alerta, demandando uma revisão das práticas ambientais, uma vez que a conservação dessas áreas é essencial para evitar a evolução e adaptação do vírus. Nesse sentido, torna-se crucial debater a relação entre preservação ambiental e desenvolvimento econômico, o equilíbrio entre zonas rurais e urbanas e a conservação dos ecossistemas (ZINSSTAG, 2020).

De acordo com Couto e Brandespim (2020), apenas a assistência em saúde não é suficiente para erradicar a raiva, pois enfrenta limitações na resposta às ameaças zoonóticas. Dessa forma, a responsabilidade deve ser compartilhada entre diferentes setores, tornando indispensável a capacitação contínua dos profissionais envolvidos no controle da doença, especialmente aqueles que atuam na linha de frente da assistência. A educação permanente desempenha um papel essencial na conscientização dos tutores de animais sobre os riscos da doença e as medidas preventivas necessárias. Paralelamente, a promoção de palestras educativas em regiões com incidência de raiva ou baixa cobertura vacinal constitui uma estratégia prioritária (SOUZA et al., 2020).

No Brasil, observa-se uma baixa adesão da população às iniciativas de combate à raiva (GALAZ, 2015). Embora seja uma doença completamente evitável por meio da imunização, a disseminação de informações sobre a dinâmica epidemiológica da raiva é fundamental para mudar a percepção social sobre o tema. A transmissão urbana por variante canina tem diminuído, enquanto cresce significativamente o número de casos de raiva humana associados a variantes de animais silvestres, especialmente morcegos (ZINSSTAG, 2020).

A falta de divulgação adequada sobre a raiva humana no Brasil reforça a necessidade de ações educativas em saúde para alertar a população sobre a gravidade da doença e a importância da prevenção (MERLO et al., 2021).

3 - OBJETIVOS

3.1 - Objetivo Geral

Desenvolver Ações de Educação em Saúde para a sensibilização da comunidade acadêmica e tutores de animais do *Campus* Sede da UFRPE, acerca do risco de transmissão da raiva e a presença de animais errantes que circulam nos espaços da Universidade.

3.2 - Objetivos Específicos

- Realizar um diagnóstico situacional sobre o conhecimento da comunidade acadêmica da UFRPE sobre animais errantes e o risco de transmissão da Raiva;
- Identificar os principais riscos relacionados à presença de animais errantes e a transmissão da Raiva no *Campus* Sede da UFRPE;
- Orientar a comunidade acadêmica da UFRPE e tutores de animais sobre transmissão, controle e prevenção da Raiva;

4. METODOLOGIA

4.1. Local do Estudo

A pesquisa foi realizada na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), no *Campus* Sede Dois Irmãos, localizado na Rua Dom Manuel de Medeiros, s/n, Dois Irmãos, Recife-PE. A universidade ocupa uma extensa área de mais de 147 hectares, o que equivale a aproximadamente 105 campos de futebol. Esse *campus* está próximo ao Parque Estadual Dois Irmãos, uma reserva ecológica urbana da Mata Atlântica que exerce importante influência para o equilíbrio ambiental da Cidade do Recife, apresentando grande riqueza de biota. (Figura 6)

A UFRPE possui 112 anos de tradição em ensino, extensão e pesquisa no Estado e no país. Sua história secular é marcada, ao mesmo tempo, pela capacidade de inovação ao buscar contribuir com a superação dos problemas socioambientais e o desenvolvimento sustentável em projetos e pesquisas que envolvem as ciências tecnológicas, agrárias, humanas, sociais e exatas. A Universidade dispõe de infraestrutura acadêmica e administrativa composta por mais de 1.200 docentes, mais de 1.000 técnico-administrativos e mais de 500 trabalhadores terceirizados, além de cerca de 17 mil discentes. Oferece cursos de graduação, pós-graduação e de educação básica, técnica e tecnológica, além de desenvolver projetos de ensino, pesquisa, extensão e inovação em leque variado de áreas. A Instituição está presente em todas as regiões do estado de Pernambuco, além de parte da Bahia, por meio de Unidades Acadêmicas, Estações de Pesquisa e Unidade Acadêmica de Educação à Distância e Tecnologia (UAEADTec). Isso representa um universo de 31 municípios que contam com uma ou mais ações da Universidade. (FADURPE, 2021)



Figura 6: Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE (Fonte: BERG SANTOS/JC IMAGEM).

4.2. Tipo de Estudo

Trata-se de um estudo de natureza descritiva e exploratória, utilizando abordagens quantitativas. Segundo Cervo e Bervian (2002), a pesquisa descritiva observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos sem manipulá-los, trabalhando sobre dados ou fatos colhidos da própria realidade. Nos estudos descritivos, os dados são reunidos, organizados e apresentados na forma de gráficos, tabelas com distribuição segundo atributos da pessoa, do tempo e do espaço, sem o objetivo de se estabelecer associações ou inferências causais. Esse tipo de estudo geralmente visa descrever populações alvo que apresentem certos atributos de interesse. Frequentemente, pela impossibilidade de se estudar o universo, adota-se como opção o estudo de uma amostra estimada da população alvo.

4.3. População do Estudo

Comunidade acadêmica da UFRPE (formada por docentes, técnico-administrativos, estudantes e terceirizados) e tutores de animais que frequentam o *Campus* Sede da UFRPE.

4.4. Amostra do Estudo

O questionário contou com 214 respostas, entre docentes, técnico-administrativos, discentes e terceirizados.

4.5. Critérios de inclusão

Ser maior de 18 anos. Ser servidor da UFRPE (docente ou técnico-administrativo), estudante, terceirizado ou tutor de animal(is) no *Campus* Sede da Universidade, aceitar participar da pesquisa e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

4.6. Critérios de exclusão

Foram excluídos da pesquisa as pessoas que não satisfizeram qualquer dos critérios apresentados.

4.7. Coleta de Dados

Para avaliar o nível de conhecimento da comunidade acadêmica sobre a raiva e os riscos relacionados aos animais errantes, foi realizado diagnóstico situacional por meio da aplicação de um questionário on-line, elaborado com a ferramenta *Google Forms* (serviço gratuito para criar formulários on-line). Nesta etapa, foi solicitado à Pró-reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEPE) da UFRPE, que encaminhasse para os e-mails dos servidores (docentes e técnico-administrativos) e à Pró-reitoria de Gestão Estudantil (PROGEST) que encaminhasse aos e-mails dos estudantes, o formulário para coleta das respostas. A Coordenação do Programa de Mestrado Profissional em Saúde Única também contribuiu para a divulgação do questionário entre os seus membros. Adicionalmente, o formulário foi distribuído por meio do aplicativo “Whatsapp” para os terceirizados/colaboradores e docentes, técnico-administrativos e discentes. O questionário eletrônico foi composto por 16 questões de múltipla escolha (ANEXO III) e foi compartilhado no período de 21 de janeiro até 25 de fevereiro de 2025.

Para as Ações de Educação em Saúde foram elaborados materiais educativos, incluindo uma cartilha (criada com o programa Pixton.com), cartazes e panfletos (confeccionados pela Editora Universitária da UFRPE) que foram distribuídos nos Departamentos Acadêmicos e Administrativos e aos tutores de animais atendidos no Hospital Veterinário da UFRPE. Adicionalmente, um vídeo informativo (criado com o aplicativo Canva) foi produzido e amplamente divulgado nas redes sociais, ampliando o alcance da campanha e reforçando a disseminação do conhecimento sobre a prevenção da raiva e a importância da gestão responsável dos animais errantes.

4.8. Plano de análise de dados

Os dados obtidos com a aplicação dos questionários foram transformados em gráficos, por meio do programa Google Sheets para análise da frequência relativa e caracterização dos resultados.

4.9 Procedimentos ético-legais

O presente estudo foi submetido e aprovado no Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE (ANEXO I), sob o no CAAE: 78866023.1.0000.9547, parecer nº 6.877.055 seguindo-se todas as orientações da resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, inclusive com a assinatura de cada participante da pesquisa do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO II). Não há nenhuma informação que permita identificar as pessoas incluídas neste estudo, de forma a garantir a privacidade das informações e o anonimato dos sujeitos da pesquisa, utilizando-se os dados assim obtidos exclusivamente para os propósitos desta pesquisa.

5. RESULTADOS

A pesquisa teve a participação de 214 pessoas, sendo 126 (58,9%) discentes, 44 (20,6%) docentes, 33 técnico-administrativos (15,4%) e 11 (5,1%) terceirizados. Destes, 134 (62,2%) eram do sexo feminino e 80 (37,4%) do sexo masculino. A idade variou de 18 a 68 anos.

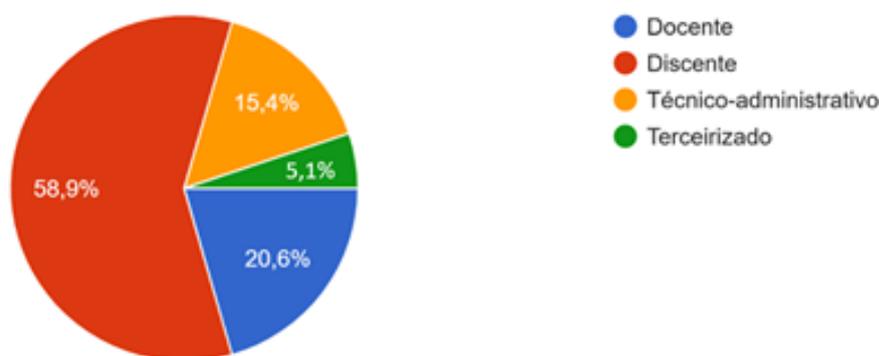


Gráfico 1- Distribuição dos participantes segundo o vínculo com a UFRPE

Com relação à escolaridade, 67 pessoas (31,3%) afirmaram ter ensino superior, 48 (22,4%) ensino médio, 47 (22%) doutorado, 30 (14%) especialização, 16 (7,5%) mestrado, 3 (1,4%) ensino fundamental completo e 3 (1,4%) ensino fundamental incompleto.

Cento e cinquenta e nove pessoas (74,6%) afirmaram ter animal de estimação e 54 (25,4%) não possuíam.

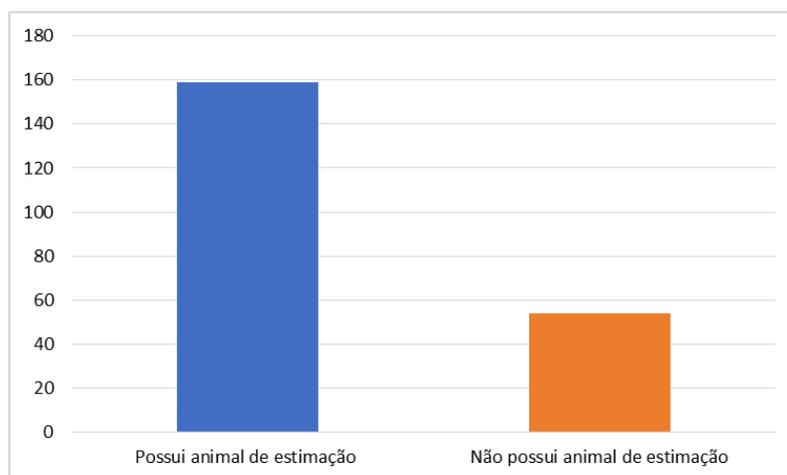


Gráfico 2 - Distribuição dos participantes segundo a posse ou não de animal de estimação

Dentre os animais de estimação, os mais citados foram cão (106 - 65%) e gato (90 - 55,2%). Outros animais como hamster, coelho, galinha, pato e ovelha também foram mencionados. 44 pessoas (23,9%) assinalaram que o animal tinha vida livre e 112 (60,9%) marcaram que não.

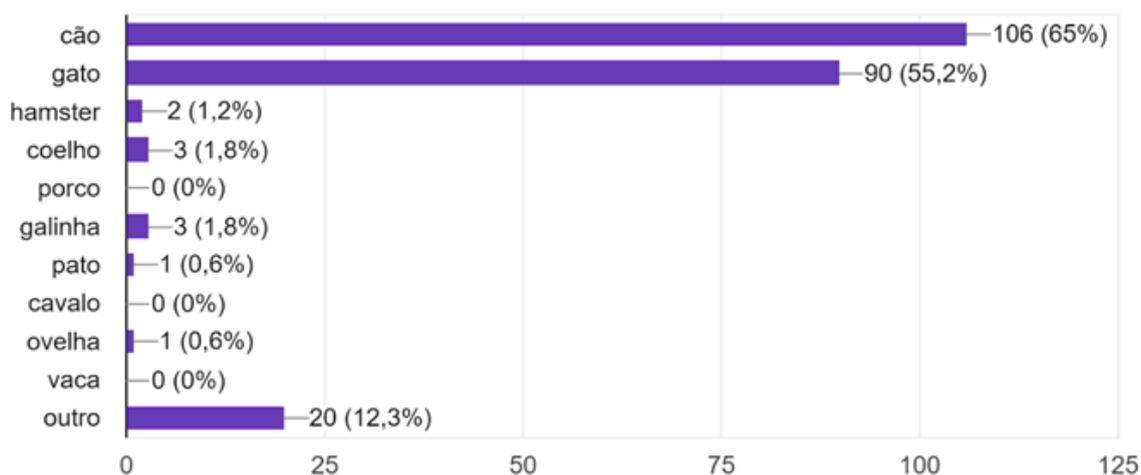


Gráfico 3- Distribuição das espécies de animais de estimação citadas pelos participantes.

Com relação ao tópico ‘vacinação dos animais de estimação’, 147 participantes (79,5%) afirmaram fazer a vacinação e 12 (6,5%) não faziam. Sobre a vermifugação dos animais, 135 pessoas (74,5%) afirmaram fazer e 24 (13,2%) não faziam.

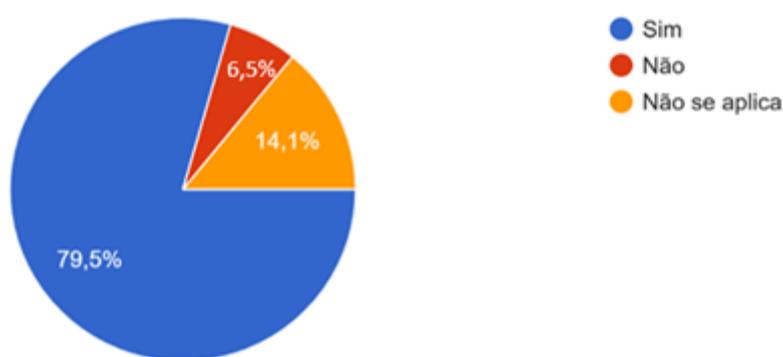


Gráfico 4 - Realização de vacinação dos animais de estimação dos participantes

Sobre o tópico, se o animal já havia adoecido, 105 pessoas (58%) afirmaram que sim e 54 (29,8%) que não. Com relação às medidas tomadas, 101 pessoas (73,2%) levaram a um veterinário, 16 (11,6%) não fizeram nada, 10 (7,2%) trataram em casa e 11 (8%) não

tomaram nenhuma das três medidas.

Quando perguntados sobre já ter sido mordido ou arranhado por algum animal dentro da UFRPE, 173 participantes (80,8%) afirmaram que não e 41 (19,2%) que sim. Os gatos foram responsáveis por 68,8% dos ataques e os cães por 12,5%. Foi citado um ataque por jiboia de estimação e um por morcego. Com relação às medidas tomadas após o ataque, 38 pessoas (59,4%) informaram que lavou com água e sabão e apenas 06 (9,4%) procurou um médico. Uma pessoa (1,6%) automedicou-se ou não fez nada e nenhuma pessoa procurou o Departamento de Qualidade de Vida da UFRPE. Trinta e seis pessoas (67,9%) assinalaram que não tomaram a vacina contra a raiva após o ataque e 17 (32,1%) que sim.

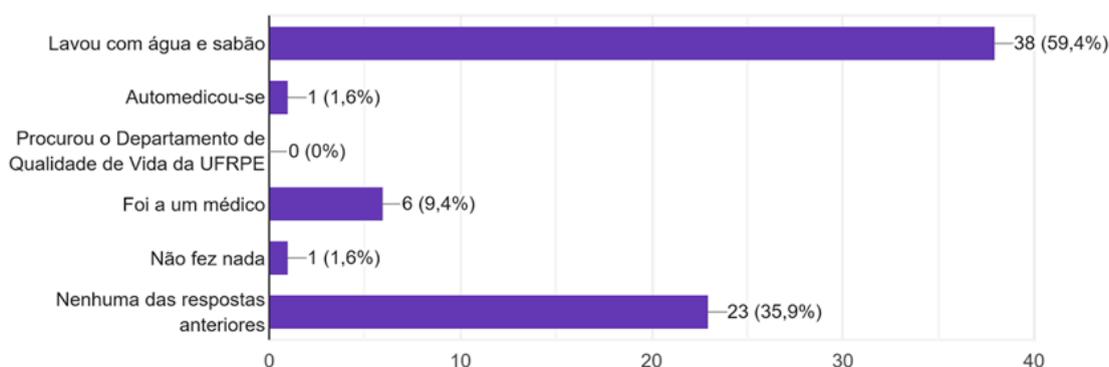


Gráfico 5 - Medidas tomadas pelos participantes que foram mordidos ou arranhados por algum animal dentro da UFRPE

Com relação aos animais que circulam na UFRPE, 45 participantes (21,2%) acreditam que eles estão ali pela falta de conscientização e mau comportamento das pessoas que abandonam e acreditam que a UFRPE é o local ideal para eles, pela presença do Hospital Veterinário. Quatorze participantes (6,6%) acreditam que trata-se de um problema de saúde pública e que esses animais representam riscos para transmissão de doenças, inclusive a raiva. Oito participantes (3,8%) acreditam que trata-se de falta de fiscalização da UFRPE para combater o abandono de animais e 126 (59,4%) acreditam que trata-se de uma junção das três coisas. Dezenove participantes (9%) afirmaram não se incomodar com isso.

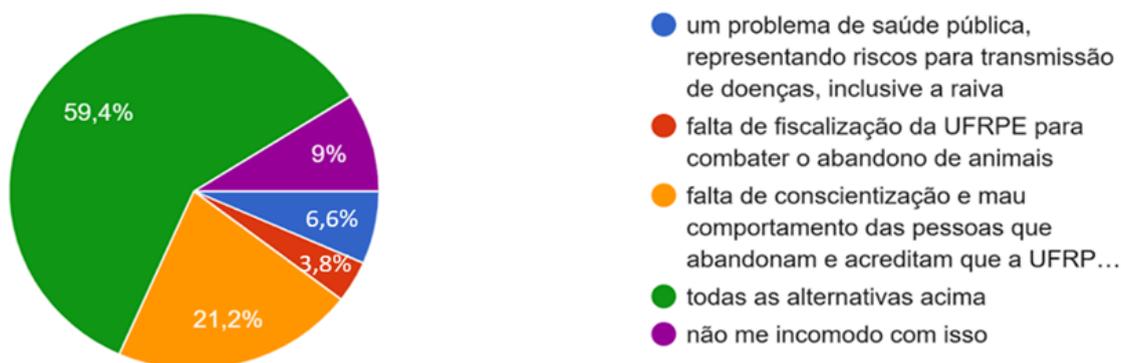


Gráfico 6 - Percepção dos participantes sobre o que os animais que circulam na UFRPE representam

Quando questionados se costumam alimentar os animais que circulam na UFRPE, 160 pessoas (76,2%) responderam que não e 50 (23,8%) que sim. O principal motivo, assinalado por 39 pessoas (72,2%), foi o fato de sentir pena desses animais, além de outros como, ter facilidade em conseguir ração para eles (5 - 9,3%) ou para não jogar fora a comida que sobrou (1 - 1,9%). Outros motivos além desses também foram assinalados por 09 participantes (16,7%).



Gráfico 7 - Justificativa dos participantes que costumam alimentar os animais que circulam na UFRPE

Na pergunta sobre o que é zoonose, 105 pessoas (49,8%) responderam que é uma doença transmitida dos animais para o homem e vice-versa e 103 (48,8%) responderam que trata-se de uma doença transmitida dos animais para o homem apenas. Nenhuma pessoa assinalou que se tratava de uma doença transmitida do homem para os animais e apenas 03 pessoas (1,4%) não consideraram correta nenhuma das respostas anteriores.

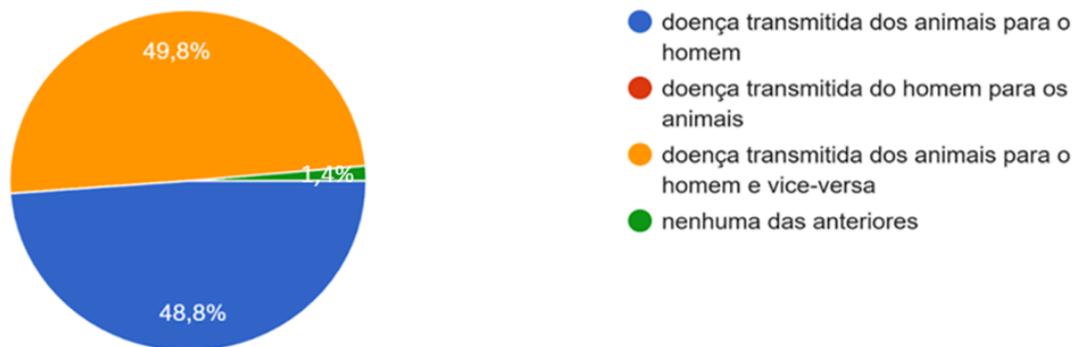


Gráfico 8 - Entendimento dos participantes sobre o significado da palavra “zoonose”

Na pergunta “Quem pode pegar raiva?”, 204 pessoas (95,3%) responderam que eram humanos, mamíferos domésticos e silvestres e apenas 06 pessoas (2,8%) responderam que era o cão, gato, animais domésticos e silvestres.



Gráfico 9 - Entendimento dos participantes sobre os animais suscetíveis à raiva

Quanto ao questionamento sobre como ocorre a transmissão da raiva, quase que por unanimidade (99,5% - 213 pessoas) responderam que ‘pelo contato com a saliva do animal infectado, arranhão ou mordedura’.

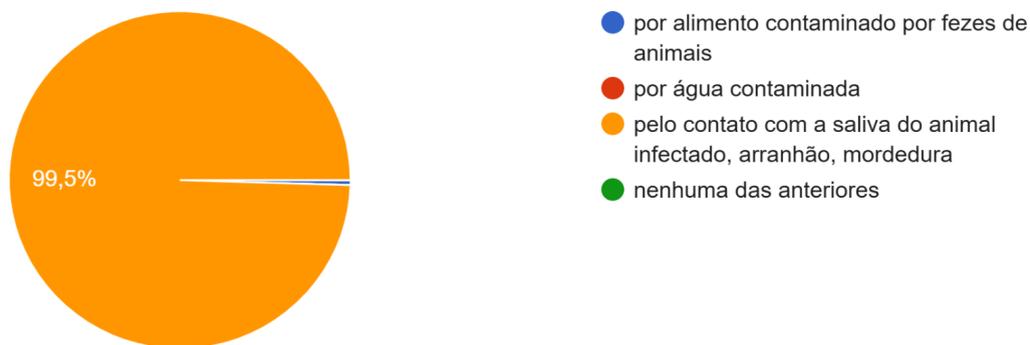


Gráfico 10 - Entendimento dos participantes sobre as formas de transmissão da raiva

Cento e sessenta e sete pessoas (79,1%) afirmaram conhecer os sintomas da raiva e 44 pessoas (20,9%) não conheciam. Dentre os sintomas elencados, estavam irritabilidade, salivação e paralisia. Cento e setenta pessoas (85,4%) marcaram que todos esses três sintomas eram da doença. Dezesete pessoas (8,5%) marcaram apenas salivação, sete (3,5%) marcaram apenas irritabilidade e cinco (2,5%) apenas paralisia.

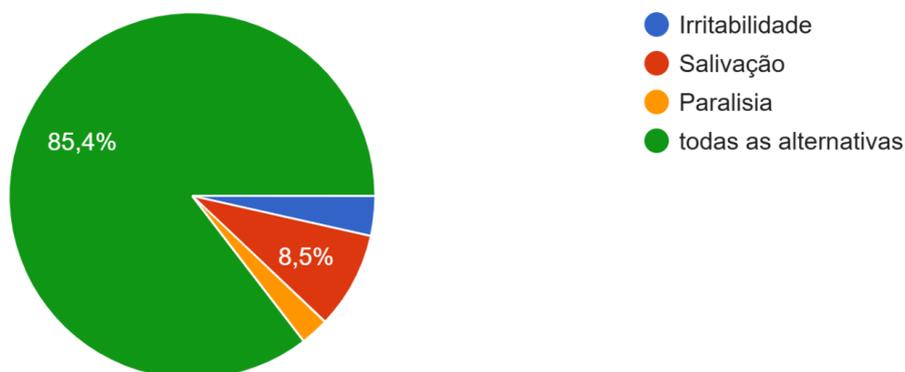


Gráfico 11 - Conhecimento dos participantes acerca dos sintomas da raiva

Quando questionados sobre o que fazer se encontrar algum animal com sintomas da raiva na UFRPE ou na rua, 203 pessoas assinalaram a opção “não se aproximar do animal e pedir ajuda ao centro de controle de zoonoses da sua cidade” e 08 (3,8%) assinalaram que não fariam nada.

Sobre a presença de animais silvestres na UFRPE, 167 pessoas (79,1%) afirmaram já ter avistado algum(ns) desse(s) animal(is) e 44 (20,9%) não avistaram. A espécie mais citada foi o sagui (144 - 84,7%), seguido do timbu (78 - 45,9%), raposa (72 - 42,4%),

capivara (36 - 21,2%) e outros (63 - 37,1%).

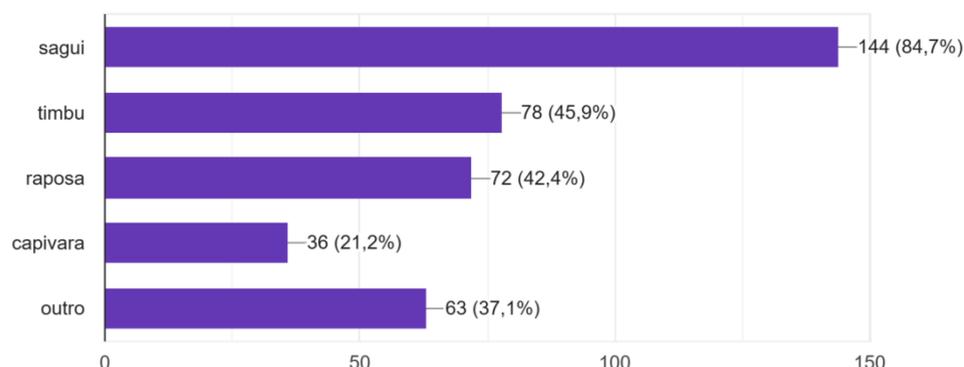


Gráfico 12 - Tipo de animal silvestre avistado na UFRPE

Na questão “O que devo fazer se tiver contato com animais que podem transmitir a raiva?”, a quase totalidade das pessoas (207 - 97,6%) responderam “procurar uma unidade de saúde mais próxima com urgência”, 02 pessoas (0,9%) assinalaram “apenas lavar o local do contato com água e sabão” e 01 pessoa marcou “automedicar-se”, “não fazer nada” ou “nenhuma das anteriores”.

Quando questionados sobre como podemos prevenir os animais de contrair a raiva, 207 participantes (97,2%) assinalaram “vaciná-lo anualmente contra a raiva”, 05 (2,3%) assinalaram “evitar que ele tenha contato com qualquer outro animal” e 01 (0,5%) marcou “nenhuma das respostas anteriores”.

Para as Ações de Educação em Saúde foram elaborados materiais educativos, incluindo uma cartilha intitulada “Raiva: o que é e como prevenir”. Ela foi criada com o programa pago Pixton.com e trata-se de uma cartilha animada, no formato de história em quadrinhos, que tem como objetivo fornecer informações para a comunidade acadêmica da UFRPE e sociedade em geral sobre a raiva, sua forma de transmissão, reservatórios, sinais e sintomas, medidas de prevenção e controle, assim como, entender o contexto da doença envolvendo os animais errantes e silvestres que vivem nos espaços da Universidade. A cartilha foi publicada em 11/03/2025, no site da Editora Universitária da UFRPE (www.editora.ufrpe.br) através do link “<https://editora.ufrpe.br/sites/editora.ufrpe.br/files/cartilha%20raiva%20ebook%20def.pdf>” e no aplicativo Instagram da Editora Universitária (<https://www.instagram.com/editoraufrpe/p/DHERD6wxLwn/>). Foram disponibilizadas também algumas versões impressas nos Departamentos Acadêmicos e Administrativos da



Figura 7 - Cartilha “ A raiva: o que é e como prevenir”

Foram elaborados também cartazes e panfletos, confeccionados pela Editora Universitária da UFRPE, que foram distribuídos nos Departamentos Acadêmicos e Administrativos e aos tutores de animais atendidos pelo Hospital Veterinário da UFRPE, com colaboração de parte da equipe do Laboratório de Virologia Animal do Departamento de Medicina Veterinária, sendo abordados os tópicos: definição da doença, transmissão, sintomas, prevenção e os animais do *Campus*. O material foi disponibilizado também na página eletrônica do Programa de Mestrado Profissional em Saúde Única (PMPSU).



Figura 8 - Cartaz intitulado “Raiva Humana”, disponibilizado nas Ações de Educação em Saúde.



Figura a



Figura b



Figura c



Figura d



Figura e



Figura f

Ações de Educação em Saúde sobre a raiva, com entrega de panfletos e cartazes, à comunidade acadêmica e tutores de animais.

Figuras a e b - Roda de conversa com alunos do curso de Agroecologia;

Figura c - Visita à Pró-Reitoria de Planejamento da UFRPE;

Figura d - Visita à Pró-Reitoria de Ensino de Graduação da URFPE;

Figura e - Visita à Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas da UFRPE;

Figura f - Conversa com um tutor de animal do Hospital Veterinário da UFRPE.

Adicionalmente, foi elaborado um vídeo informativo intitulado “ Raiva Humana “, com duração de 7 minutos e 06 segundos , criado com o aplicativo Canva, uma ferramenta online e gratuita que permite criar e editar imagens, vídeos, apresentações, entre outros. O vídeo foi divulgado nos canais do YouTube do Programa de Mestrado Profissional em Saúde Única e do Laboratório de Virologia Animal do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE (<https://www.youtube.com/SaudeUnicaUFRPE> / www.youtube.com/@laboratoriodevirologiaanim6009), além da página do Instagram do referido laboratório (@lavian.ufrpe) ampliando o alcance da campanha e reforçando a disseminação do conhecimento sobre a prevenção da raiva e a importância da gestão responsável dos animais errantes.

6. DISCUSSÃO

A raiva é uma doença viral de caráter zoonótico, com grande relevância para a saúde pública devido à sua alta letalidade e aos diversos ciclos epidemiológicos de transmissão (KOTAIT et al., 2009; ALVES et al., 2020; SILVA et al., 2021; SILVA et al., 2022). Apesar das estratégias de vigilância, como a vacinação, a raiva continua sendo um desafio no Brasil (CERQUEIRA et al., 2023).

As dificuldades no controle da raiva no ciclo silvestre decorrem do sucesso adaptativo do vírus e de problemas ambientais que aproximam animais silvestres como raposas, lobos, guaxinins, macacos, saguis e quatis do ambiente urbano, representando um risco à saúde pública (OLIVEIRA e GOMES, 2019). No ciclo urbano, o perigo está nos hábitos de caça de animais de companhia e na proximidade com o homem (GERMANO et al., 2016). Além disso, a presença de animais errantes, sem imunização adequada, contribui para a transmissão da doença (KOTAIT et al., 2009; WITT et al., 2012; ALVES et al., 2020; QUEVEDO et al., 2020; VIEIRA, 2023).

O monitoramento da raiva em felinos é fundamental, devido à sua estreita interação com humanos ao longo do tempo e ao seu comportamento predatório, que os expõe ao contato com morcegos infectados. Dessa forma, os felinos podem atuar como transmissores secundários da doença, conectando o ciclo silvestre à esfera urbana e representando um risco de reintrodução da raiva em áreas com controle epidemiológico (REICHMANN; PINTO; NUNES, 1999). Neste estudo, realizado na Universidade Federal Rural de Pernambuco, 79,1% dos participantes afirmaram já ter avistado algum animal silvestre no *Campus* Sede, sendo os mais citados: sagui, timbu e raposa, mostrando a importância de se conhecer os ciclos epidemiológicos da raiva, já que a raiva silvestre está em constante avanço para as áreas urbanas. Além disso, 19,2% dos participantes afirmaram já ter sido mordido ou arranhado por algum animal dentro da UFRPE, sendo os gatos responsáveis por 68,8% dos ataques e os cães por 12,5%.

Uma pesquisa da Comissão de Animais de Companhia do Sindan revelou que mais de 37 milhões de lares brasileiros possuem pets, totalizando cerca de 84 milhões de cães e gatos (ALBUQUERQUE, 2021). O aumento na demanda por animais de estimação está associado a mudanças sociais, como adiamento de casamentos, redução do número de filhos e maior inserção feminina no mercado de trabalho (COSTA et al., 2019; MARCON

et al., 2020). Além disso, os pets trazem benefícios à saúde e são vistos como parte da família (SANTOS, 2021). No entanto, em 2022, a OMS estimou que 30 milhões de animais estavam abandonados no Brasil, contribuindo para o aumento de animais errantes, aqueles sem tutor que vivem no ambiente (RODRIGUES, 2022; SECRETARIA DE MEIO AMBIENTE, 2023). No presente estudo, 74,6% dos participantes afirmaram possuir pets, sendo cães (65%) e gatos (55,2%) os mais citados, corroborando esses dados.

Nesta pesquisa, 79,5% dos participantes relataram vacinar anualmente seus animais de estimação, enquanto 6,5% não o faziam. Em outra pesquisa, 85,05% dos tutores afirmaram ter realizado o esquema vacinal de seus pets (DE LIMA LOVADINI et al., 2019). A imunização de cães e gatos é uma medida essencial na prevenção da raiva humana (BRASIL, 2020) e foi apontada como uma das principais formas de prevenir zoonoses (COSTA, 2019). Essa percepção pode estar relacionada à ampla divulgação da profilaxia da raiva, frequentemente destacada em campanhas de saúde pública (COSTA et al., 2017).

A maioria dos participantes demonstrou conhecimento sobre a transmissão, os animais suscetíveis, os sintomas e a prevenção da raiva. No entanto, quando questionados sobre as medidas adotadas após ataques de animais na UFRPE, 59,4% afirmaram ter lavado o local com água e sabão, mas apenas 9,4% buscaram atendimento médico e nenhuma pessoa procurou o Departamento de Qualidade de Vida da UFRPE. Além disso, 67,9% não tomaram a vacina antirrábica após o incidente, enquanto 32,1% relataram tê-la recebido. Embora muitos tenham tido contato com informações sobre a doença, ainda é necessário ampliar a divulgação, pois um maior conhecimento favorece a adoção de estratégias preventivas, como demonstrado em ações de educação em saúde (MOREIRA et al., 2016; COSTA et al., 2017).

Neste estudo, não houve consenso sobre a definição de zoonose: 49,8% dos participantes afirmaram se tratar de uma doença transmitida entre animais e humanos, enquanto 48,8% consideraram que a transmissão ocorre apenas dos animais para os humanos. O termo "zoonose" tem origem nos vocábulos gregos *zoon* (animal) e *noso* (doença) e já teve diferentes significados ao longo do tempo. Inicialmente significava doenças entre animais, posteriormente doenças transmitidas entre os humanos e os animais e, atualmente, significa toda doença transmitida de animais para o ser humano ou vice-versa (GOMES et al., 2022). O conhecimento sobre zoonoses nem sempre atinge a

população exposta aos riscos constantes (LIMA et al., 2010), tornando a educação em saúde uma ferramenta essencial para sua prevenção e controle. Essa abordagem envolve um conjunto de saberes e práticas voltadas para a promoção da saúde e a redução de doenças na população (COSTA e LOPEZ, 1996).

Em relação aos animais que circulam na UFRPE, 59,4% dos participantes acreditam que sua presença representa uma combinação de três fatores: a falta de conscientização e o comportamento inadequado das pessoas que abandonam os animais, considerando a UFRPE como um local apropriado para eles pela presença do Hospital Veterinário; a percepção de que se trata de um problema de saúde pública, já que esses animais podem representar riscos de transmissão de doenças. Além disso, a falta de fiscalização para coibir o abandono de animais agrava a situação.

Quando os tutores falham em garantir as cinco liberdades essenciais para os animais, surge um problema de superpopulação, resultando em dificuldades para a manutenção dos animais. Muitas pessoas optam por transferir sua responsabilidade para o poder público, abandonando animais indesejados nas ruas ou em instituições, como ocorre frequentemente na UFRPE, apesar de essa atitude ser considerada criminosa, conforme a Lei Federal 9605 de 1998. Nesse contexto, os animais errantes raramente encontram condições de bem-estar e representam um risco à saúde pública. A interação entre humanos e animais, somada aos problemas socioeconômicos, pode aumentar a transmissão de zoonoses (SANTOS, 2014). O abandono pode estar relacionado à mentalidade da população, que considera a presença do curso de Medicina Veterinária e do Hospital Veterinário como uma justificativa para responsabilizar essas instituições pelos animais abandonados, resultando em frequentes casos de abandono na universidade (PELLENZ, et al., 2020).

Quando perguntados se costumam alimentar os animais que circulam na UFRPE, 23,8% dos participantes afirmaram que sim, enquanto 76,2% disseram que não. Entre aqueles que alimentam os animais, a principal justificativa foi a compaixão que sentem por eles (72,2%). De acordo com Pellenz et al (2020), as pessoas que fornecem alimentos aos animais no *campus* não percebem que esse comportamento pode contribuir para o aumento da população de cães errantes. Além disso, há uma negligência em relação ao tipo de comida oferecida, uma vez que a alimentação irresponsável pode agravar a situação dos cães abandonados. A correlação positiva entre o tipo de alimento e a justificativa para

alimentar os cães indica um comportamento oportunista, onde a pessoa alimenta os animais apenas quando tem comida disponível e os vê pelo *campus*. Quanto mais uma pessoa justifica a necessidade de alimentar os animais, menor é sua responsabilidade em relação à qualidade da alimentação que oferece. Assim, quanto mais razões uma pessoa encontra para justificar esse ato, mais frequentemente ela alimenta os animais de forma inadequada. Além disso, a consciência sobre zoonoses está diretamente relacionada à percepção que o indivíduo tem sobre a situação de abandono. Quanto mais informado e consciente a pessoa é, maior é sua compreensão sobre os riscos associados aos cães abandonados. Por outro lado, quanto mais desconectada a pessoa estiver, menor será sua responsabilidade em relação à alimentação desses animais. Diante disso, justifica-se a importância de estudos para coletar dados da comunidade acadêmica sobre a relação com os animais abandonados no *campus*, uma vez que esse problema é multifatorial. Ele envolve a atuação do governo público, da Administração Superior da UFRPE, de Organizações não-governamentais e a parceria da comunidade acadêmica e da população em geral para efetivar a solução do problema dos animais errantes no ambiente universitário.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

- A raiva continua sendo um desafio para a saúde pública no Brasil, especialmente devido à mudança no perfil epidemiológico da doença, com a predominância da transmissão por animais silvestres, em ambientes urbanos onde há grande circulação de pessoas e animais errantes;

- Apesar do controle eficaz da raiva urbana, a persistência do vírus na fauna silvestre exige estratégias contínuas de vigilância, educação e prevenção;

- O estudo evidenciou que a presença de animais errantes no *Campus* Sede da UFRPE não apenas gera preocupações dentro da comunidade acadêmica, mas também representa um risco real para transmissão da doença;

- As ações educativas desenvolvidas, mostraram-se estratégias fundamentais para sensibilizar a comunidade acadêmica e tutores de animais sobre os riscos da raiva e a importância da prevenção;

- Dessa forma, reforça-se a necessidade de políticas institucionais voltadas para o manejo responsável dos animais errantes e a adoção de medidas preventivas. Somente por meio da educação e da conscientização será possível minimizar os riscos e garantir um ambiente mais seguro para todos.

8. REFERÊNCIAS

ACHA, P. N.; SZYFRES, B. (orgs.). **Zoonoses and communicable diseases common to man and animals: Chlamydioses, rickettsioses and viroses**. 3. ed. Washington, DC: PAHO, 2003. v. 2, p. 246-275.

AGGARWAL, Divya; RAMACHANDRAN, Anandhi. One health approach to address zoonotic diseases. **Indian journal of community medicine: official publication of Indian Association of Preventive & Social Medicine**, v. 45, n. Suppl 1, p. S6, 2020.

AGUIRRE, A. Alonso et al. The one health approach to toxoplasmosis: epidemiology, control, and prevention strategies. **EcoHealth**, v. 16, n. 2, p. 378-390, 2019.

ALBUQUERQUE, F. 2021. Pesquisa Radar Pet: **Brasil conta com a segunda maior população pet do mundo**. Disponível em: <https://sindan.org.br/release/pesquisa-radar-pet-brasil-conta-com-a-segunda-maior-populacao-pet-do-mundo/>

ALVES, A. L., et al . Raiva bovina: Revisão. **PUBVET**,14(7), 1–3, 2020.

BATISTA, H. B. de C. R.; FRANCO, A.C.; ROEHE, P. M. Raiva: uma breve revisão. **Acta Scientiae Veterinariae**, v. 35, n. 2, p. 125-144, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica Secretaria de Vigilância em Saúde. **Protocolo para Tratamento de Raiva Humana no Brasil**. Epidemiologia e Serviços de Saúde, Brasília, 18(4):385-394, out-dez 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Raiva humana: saiba como prevenir e tratar a doença no SUS**. 2025 Disponível em <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2025/janeiro/raiva-humana-saiba-como-prevenir-e-tratar-a-doenca-no-sus#:~:text=Tratamento%20e%20preven%C3%A7%C3%A3o,profilaxia%20antirr%C3%A1bica%20adequada%20e%20oportuna.>> Acesso em 01 de março de 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. **Glossário temático: gestão do trabalho e da educação na saúde**. 2. ed., 2. reimpr. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013. 44 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Articulação Estratégica de Vigilância em Saúde. **Guia de Vigilância em Saúde**. 5. ed. rev. e atual - Brasília: Ministério da Saúde, 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. **Manual de diagnóstico laboratorial da raiva**. Brasília, DF: MS, 2008. 108 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde (Ed.). **Raiva: o que é,**

causas, sintomas, tratamento, diagnóstico e prevenção. 2019. Disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/saude-de-a-z/raiva>.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Raiva.** 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/r/Raiva>> Acesso em: 01 de março de 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Raiva. Diagnóstico e tratamento.** 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/r/raiva/diagnostico-e-tratamento>> Acesso em: 01 de março de 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde Única.** 2023a. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-unica>> Acesso em: 11 de setembro de 2023.

CARNIELI Jr. P., FAHL, W.O, CASTILHO, J.G., 2009: Characterization of rabies vírus isolated from canids and identification of the main wild canid host in Northeastern Brazil. **Virus Res.**, (131); 33-46.

CERQUEIRA, T. A. P. M. et al. Mudança no perfil epidemiológico da raiva no Brasil. **Pubvet**, v. 17, n. 09, p. e1455-e1455, 2023.

CERVO, A.L; BERVIAN, P.A. **Metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Pretice Hall, 2002.

COSTA, B. C. et al. Programa de Estratégias de controle populacional de cães, gatos e zoonoses. **Rev Dim Acad**; 4(2):44-51, 2019.

COSTA, D. I. da. **Percepção e atitudes da população paraibana sobre zoonoses.** João Pessoa, 2019. 37 f. Monografia (Graduação em Medicina Veterinária), Universidade Federal da Paraíba.

COSTA, G. J. A. et al. Avaliação da percepção sobre zoonoses com agentes de saúde, combate a endemias e docentes de escola públicas, do entorno da Estação Ecológica de Caetés, Região Metropolitana do Recife-PE, Brasil. **Medicina Veterinária (UFRPE)**, v. 11, n. 1, p. 67-75, 2017.

COSTA, M.; LOPEZ, E. **Educación para la salud.** Madrid: Pirámide, p. 25-58,1996.

COHN, A. COLEÇÃO PENSAMENTO CRÍTICO – VOL. 1 SAÚDE, CIDADANIA E DESENVOLVIMENTO Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, em co-edição com E-papers **Serviços Editoriais Ltda.** 2013.

COUTO, M.; BRANDESPIM, D. F. A review of the One Health concept and its application as a tool for policy-makers. **Int. J. One Health**, v. 6, p. 83-89, 2020.

DUARTE, Leila; DRAGO, Maria do Carmo. **A Raiva: Virologia. (monografia)**-Universidade de Évora de Portugal, 2005.

FUNDAÇÃO APOLÔNIO SALES. FADURPE. **UFRPE.** 2021 Disponível em

<<https://fadurpe.com.br/ufrpe/#:~:text=A%20UFRPE%20disp%C3%B5e%20de%20infra%20estrutura,cerca%20de%2017%20mil%20discentes.>>. Acesso em 09/03/2025.

GALAZ, Victor et al. The political economy of One Health research and policy. 2015.

GERMANO, S. et. al. Ações de prevenção de zoonoses desenvolvidas nas aldeias indígenas do Município de São Paulo. **Anais XXX Congresso de Secretários Municipais de Saúde do Estado de São Paulo**, 2016.

GOMES, A. P. et al. Raiva humana. **Rev Bras Clin Med**, v. 10, n. 4, p. 334-40, 2012.

GOMES, L. G. O. et al. Zoonoses: as doenças transmitidas por animais. **Revista brasileira multidisciplinar**, v.25, n. 2, p. 158-174, 2022.

JOFFILY, D. et al. Medidas para o controle de animais errantes desenvolvidas pelo grupo Pet Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. **Rev. Em Ext**, v. 12, n. 1, p. 197-211, 2013.

KOTAIT, Ivanete; CARRIERI, Maria Luiza; TAKAOKA, Neide Yumie. **Manual Técnico do Instituto Pasteur: raiva: aspectos gerais e clínica**. In: Manual Técnico do Instituto Pasteur: raiva: aspectos gerais e clínica. 2009. p. 49-49.

DE LIMA LOVADINI, V. et al. Percepção e práticas da população atendida nos serviços primários de saúde sobre a Raiva. **Revista Enfermagem Atual in Derme**, v. 90, n. 28, 2019.

LIMA, F. G.; GAGLIANI, L. H. Raiva: aspectos epidemiológicos, controle e diagnóstico laboratorial. **Revista UNILUS Ensino e Pesquisa.**, v. 11, n. 22, 2014.

LIMA, J. et al. **Uma saúde e posse responsável animal: disseminando conceitos em Sousa - PB**. Rev. Ciênc. Ext.v.15, n.2, p.24-35, 2019.

MARCON, D. L., FRIZON J. A., BOSA L. A. Comportamento do consumidor: Análise dos fatores de influência no segmento de animais de estimação. **Rev. Elet do Alto Vale do Itajaí**. 2020;9(15):30-50.

MASSOTE, V. P. A IMPORTÂNCIA DOS MORCEGOS URBANOS NA EPIDEMIOLOGIA DA RAIVA. 2021.

MERLO, D. N. et al. Educação em saúde para prevenção da raiva humana. **Arquivos de Ciências Veterinárias e Zoologia da UNIPAR**, v. 24, n. 1cont, 2021.

MOREIRA, F. R. C. et al. Knowledge about rabies and leishmaniasis in students of public schools in the municipalities of Apodi, Felipe Guerra and Severiano Melo in Rio Grande do Norte, Brazil. **HOLOS**, v. 32, n. 1, p. 173, 2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Universidade Federal Rural de Pernambuco. **Resolução CONSU/UFRPE nº 349, de 12 de julho de 2023**. Recife. 2023.

MINISTÉRIO DA SAÚDE Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de

Imunização e Doenças Transmissíveis. Coordenação-Geral de Vigilância de Zoonoses e Doenças de Transmissão Vetorial. **NOTA TÉCNICA N° 8/2022-CGZV/DEIDT/SVS/MS**. Brasília, 2022. Disponível em: nota-tecnica-n-8_2022-cgzv_deidt_svs_ms.pdf. Acesso em 28/02/2025.

MOLENTO, C. F. M. Repensando as cinco liberdades. **Congresso Internacional Conceitos em Bem-estar Animal**, v. 1, 2006.

OIE, World Organization for Animal Health. **World Rabies Day 2023: All for one, One health for all. 2023**. Disponível em: <https://www.oie.int/>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2025.

OLIVEIRA, B. C. M., & GOMES, D. E. Raiva: Uma atualização sobre a doença. **Revista Científica Unilago**, 1(1), 2019.

OLIVEIRA, Isadora Dias et al. PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA RAIVA NO BRASIL DE 2010 A 2019. **Revista de Patologia do Tocantins**, v. 7, n. 4, p. 42-46, 2020.

OMS, Organização Mundial da Saúde. **Proteção Animal Mundial premia as melhores iniciativas de cuidado com cães e gatos nas cidades da América Latina**, CFMV, p. 1-2, 24 ago. 2020.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Raiva**. 2023. Disponível em: <https://www.who.int/es/newsroom/fact-sheets/detail/rabies>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2025.

PAIXÃO, R. L. et al. Experimentação animal: razões e emoções para uma ética. 2001. **Tese de Doutorado**.

PEDROSA, F. G.; CASEIRO, M. M.; GAGLIANI, L. H. Panorama da Raiva humana no Brasil. **Revista UNILUS Ensino e Pesquisa**, v. 15, n. 39, abr./jun. 2018.

PELLENZ, J. et al. Ambiente universitário e cães errantes: consciência dos estudantes no *Campus* Uruguaiana. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 9, n. 2, 2020.

PICARD-MEYER, E. et al. Development of a hemi-nested RT-PCR method for the specific determination of European Bat Lyssavirus 1: comparison with other rabies diagnostic methods. **Vaccine**, v. 22, n. 15-16, p. 1921-1929, 2004.

QUEVEDO, L. de S., HUGEN, G. G. P., MORAIS, R. M., & QUEVEDO, P. S. Aspectos epidemiológicos, clínico-patológicos e diagnóstico de raiva em animais de produção: Revisão. **PUBVET**, 14(11), 1-11, 2020.

RIBEIRO, A. C. A. et al. Zoonoses e Educação em Saúde: Conhecer, Compartilhar e Multiplicar. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 5, p. 12785-12801, 2020.

RODRIGUES, G. H. G. S. 2022. **Reflexão bioética sobre o resgate e tratamento de animais abandonados**. Disponível em: [http://www.rlbea.unb.br/jspui/bitstream/10482/44855/1/2022_JandersonHiagoGuimar%](http://www.rlbea.unb.br/jspui/bitstream/10482/44855/1/2022_JandersonHiagoGuimar%20)

c3%a3esdosSantosRodrigues.pdf

SANTOS, B. A. VETWEB: riscos da automedicação em “pets” na era da tecnologia. Monografia (Graduação em Medicina Veterinária) – **Centro Universitário AGES**, UniAGES, Paripiranga, 2021. 59 p.

SANTOS, F. S.; TÁPARO, C. V.; COLOMBO, G.; TENCATE, L. N.; PERRI, S. H. V; MARINHO, M. Conscientizar para o bem-estar animal: posse responsável. **Revista Ciência em Extensão**, v. n. p. 65-73, 2014.

SARAIVA, D.S., THOMAZ, E. B. A. F., CALDAS, A. J. M.; Raiva humana transmitida por cães no Maranhão: avaliação das diretrizes básicas de eliminação da doença Human rabies transmitted by dogs in the Maranhão State: na evaluation of basic guidelines for disposal of the disease. **Cadernos Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 281-91, 2014.

SECRETARIA DE ESTADO DE SAÚDE DO AMAZONAS. **Amazonas registra o segundo caso de sobrevivência por raiva humana no Brasil**. 2018. Disponível em <<https://www.saude.am.gov.br/amazonas-registra-o-segundo-caso-de-sobrevivencia-por-raiva-humana-no-brasil/>> Acesso em: 28 de fevereiro de 2025.

SECRETARIA DE MEIO AMBIENTE. Prefeitura Municipal de Vitória. **O abandono e a proteção animal**. 2023 Disponível em:<<https://www.interagevix.com.br/campanha/view/24/o-abandono-e-a-protecao-animal>>. Acesso em: 11 de setembro de 2023.

SECRETARIA ESTADUAL DE SAÚDE DE PERNAMBUCO. **Pernambuco identifica caso de raiva humana após 8 anos sem registro da doença**. 2025. Disponível em <<https://portal.saude.pe.gov.br/pe/identifica-caso-de-raiva-humana-apos-8-anos-sem-registro-da-doenca/>>. Acesso em 01 de março de 2025.

SILVA, A. S., et al. Aspectos epidemiológicos da raiva: Estudo descritivo. **PUBVET**, 16 (9), 1–11, 2022.

SILVA, L. F. et al. A relevância dos dados epidemiológicos das zoonoses e sua aplicabilidade na saúde única. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 4, p. 10630-10634, 2020.

SILVA, B. C., et al. Raiva em cães e gatos no Brasil: Análise descritiva. **PUBVET**, 15 (10), 1–5, 2021

SOUZA, L. C. et al. Vigilância epidemiológica da raiva na região de Botucatu-SP: importância dos quirópteros na manutenção do vírus na natureza. **Ars Veterinária**, v. 21, n. 1, p. 62-68, 2005.

ULHOA, D. A. M. **Importância da Participação Popular nas Ações de Saúde**. Monografia de Especialização. Especialização em Atenção Básica em Saúde da Família (EAD) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, pág. 29. 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO. Ministério da Educação.

Apresentação. Disponível em <<https://www.ufrpe.br/br/content/apresentação>>. Acesso em 09/03/2025.

UOL. Lorena Barros. **Como está o primeiro sobrevivente da raiva humana no Brasil.** 2023. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/04/17/como-esta-o-primeiro-sobrevivente-da-raiva-humana-no-brasil-apos-15-anos.htm>> Acesso em: 28 de fevereiro de 2025.

VARGAS A, CASTRO APB, MONTEBELLO LR, ROCHA SM, NUNES ML, NÓBREGA AA, et. al. In: **Estudo descritivo dos acidentes causados por animais com potencial de transmitir Raiva – Brasil, 2009-2013**, 2013.

VIEIRA, A. M. L. Programa de controle de populações de cães e gatos do Estado de São Paulo. **Boletim Epidemiológico Paulista ± BEPA**, Suplemento 07, v.6, 2009. WUNNER, W.H., 2005: Rabies in the Americas. **Virus Research**. 111; 1–4.

VIEIRA, T. J. de S.. **Vigilância epidemiológica da Raiva no Brasil em uma perspectiva de saúde única: desafios e estratégias.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Medicina Veterinária) - Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, 28f., 2022.

WADA, Marcelo; ROCHA, Silene; ELKHOURY, Maia 2011: Situação da Raiva no Brasil 2000 a 2009, **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, out-dez;20(4):509-518.

WITT, A. A., et. al. Monitoramento de morcegos (quiroptera) como estratégia de vigilância da circulação do vírus da raiva no Rio Grande do Sul. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia Do CRMV-SP**, 10(2/3), 68, 2012.

WILLOUGHBY JR, R.E. et al. Survival after treatment of rabies with induction of coma. **New England Journal of Medicine**, v. 352, n. 24, p. 2508-2514, 2005.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Expert consultation on rabies: third report. Geneva:** WHO, 2018. (WHO technical report series; n. 1012). 183 p.

ZEILER, Frederick A.; JACKSON, Alan C. Critical appraisal of the Milwaukee protocol for rabies: this failed approach should be abandoned. **Canadian Journal of Neurological Sciences**, v. 43, n. 1, p. 44-51, 2016.

ZINSSTAG, Jakob et al. (Ed.). One Health: teoria e prática de abordagens integradas de saúde. CABI, 2020.

ANEXO I - Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFRPE

UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DE PERNAMBUCO -
UFRPE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Educação em Saúde sobre o risco de transmissão da raiva e a presença de animais errantes nos Campi da UFRPE

Pesquisador: REGINA MARIA VASCONCELOS DA SILVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 78866023.1.0000.9547

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO- UFRPE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.877.055

Apresentação do Projeto:

Texto retirado do arquivo "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2259517.pdf, 24/05/2024, 13:18:33".

*Trata-se de um estudo de intervenção não controlada, um ensaio aberto, no qual todos os participantes receberão a intervenção. Será aplicado, inicialmente, um questionário, de forma on-line, utilizando a ferramenta Google Forms (serviço gratuito para criar formulários on-line), para realizar um diagnóstico situacional sobre o conhecimento da comunidade acadêmica da UFRPE sobre animais abandonados e o risco de transmissão da

raiva nos Campi da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Na etapa seguinte, serão realizadas ações presenciais de Educação em Saúde, com apresentação e discussão sobre transmissão, controle e prevenção da raiva e os riscos relacionados à presença de animais errantes na UFRPE e a interação com animais silvestres presentes nestes locais. Serão elaborados folders, vídeos, cartazes, cartilhas educativas, que serão distribuídos nas ações, bem como, disponibilizados para serem colocados nos quadros de aviso dos Departamentos e Unidades. Serão realizadas ações educativas/eventos presenciais e/ou on-line nas Unidades Acadêmicas e Estações Avançadas da UFRPE com docentes, técnico-administrativos, estudantes, terceirizados e tutores de animais. Nessas ações serão aplicados questionários estruturados, com questões fechadas, de múltipla escolha, antes e depois das atividades, para

Endereço: Rua Dom Manuel de Medeiros, s/n Dois Irmãos, 1º andar do Prédio Central da Reitoria da UFRPE
Bairro: Recife **CEP:** 52.171-900
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)3320-6638 **E-mail:** cep@ufrpe.br

Continuação do Parecer: 6.877.055

que possamos avaliar o conhecimento do participante antes e depois de cada intervenção."

Objetivo da Pesquisa:

Texto retirado do arquivo "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2259517.pdf, 24/05/2024, 13:18:33".

1. Objetivo Primário:

Desenvolver Ações de Educação em Saúde para a comunidade acadêmica e tutores de animais dos Campi da UFRPE, acerca do risco de transmissão da raiva ligado aos animais errantes que circulam nesses locais.

2. Objetivos Secundários:

- 2.1 Realizar um diagnóstico situacional sobre o conhecimento da comunidade acadêmica da UFRPE sobre animais errantes e o risco de transmissão da Raiva;
- 2.2 Identificar os principais riscos relacionados à presença de animais abandonados e a transmissão da Raiva nos Campi da UFRPE;
- 2.3 Orientar a comunidade acadêmica da UFRPE e tutores de animais sobre transmissão, controle e prevenção da Raiva;
- 2.4 Propor a criação de um Núcleo de Educação Permanente em Saúde Única na UFRPE.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Texto retirado do arquivo "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2259517.pdf, 24/05/2024, 13:18:33".

1. Riscos:

Ao participar da pesquisa, você poderá sentir cansaço mental, cansaço físico, aborrecimento ao responder questionários, vergonha por não conseguir responder algumas questões em relação ao assunto abordado, estresse. Além disso, o ambiente virtual oferece o risco de invasão de privacidade e divulgação de dados confidenciais, devido ao download acidental de malwares (softwares maliciosos). Caso não deseje mais participar não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade. Caso necessite de ajuda profissional, você poderá procurar atendimento nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), que são lugares onde oferecem serviços de saúde abertos para a comunidade e contam com uma equipe diversificada que trabalha em conjunto para atender às necessidades de saúde

Endereço: Rua Dom Manuel de Medeiros, s/n Dois Irmãos, 1º andar do Prédio Central da Reitoria da UFRPE
Bairro: Recife **CEP:** 52.171-900
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)3320-6638 **E-mail:** cep@ufrpe.br

Continuação do Parecer: 6.877.055

mental das pessoas. São 127 unidades em todo o Estado, sendo 17 com funcionamento 24 horas e 11 com foco no acolhimento do público infante-juvenil. Isso significa uma cobertura de 1.04 CAPs por 100 mil habitantes. Telefone: (81) 3184.0581/0583 (Gerência de Saúde Mental).

2. Benefícios:

Os participantes serão beneficiados direta e indiretamente, pois ao participarem das ações de educação em saúde receberão informações que são de suma importância para prevenção, controle e transmissão da raiva, além de despertar a cidadania, responsabilidade pessoal e social, bem como serão multiplicadores de conhecimentos. Além disso, o estudo irá servir de base para o planejamento de diversas ações futuras sobre os animais errantes da UFRPE e o risco de transmissão de doenças, que irá beneficiar toda a comunidade acadêmica.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um estudo a ser realizado por pós-graduanda do Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Saúde Única (DMV/UFRPE), sob orientação de docente vinculada ao DMV/UFRPE. A pesquisa visa a realização de diagnóstico situacional sobre o conhecimento da comunidade acadêmica da UFRPE, frente aos animais abandonados, animais silvestres e o risco de transmissão da raiva nos Campi. Com os resultados, espera-se a realização de intervenções, como ações educativas sobre a raiva e sua transmissão, aos servidores públicos, discentes e população que frequenta as Unidades Acadêmicas e Estações Avançadas da UFRPE.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Ver "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Recomendações:

Ver "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto atende as normas vigentes do sistema CEP/CONEP/CNS/MS.

Considerações Finais a critério do CEP:

1) Atentar para o OFÍCIO CIRCULAR Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS onde o pesquisador poderá encontrar as Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual.

2) Ressalta-se que cabe ao pesquisador responsável encaminhar os relatórios de pesquisa, por

Endereço: Rua Dom Manuel de Medeiros, s/n Dois Irmãos, 1º andar do Prédio Central da Reitoria da UFRPE
Bairro: Recife CEP: 52.171-900
UF: PE Município: RECIFE
Telefone: (81)3320-6638 E-mail: cep@ufrpe.br

Continuação do Parecer: 6.877.055

meio da Plataforma Brasil, via notificação do tipo "relatório" para que sejam devidamente apreciadas no CEP, conforme Resolução CNS n.466/12, item XI.2.d e Resolução CNSn.510/16, art.28, item V.

3) Cabe ao pesquisador "manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa", conforme Resolução CNS 466/2012, item XI f.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2259517.pdf	24/05/2024 13:18:33		Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA_CEPURPE.docx	24/05/2024 13:03:11	REGINA MARIA VASCONCELOS DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_PMPSU_Regina_assinado.pdf	24/05/2024 13:01:12	REGINA MARIA VASCONCELOS DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_VIRTUAL_Corrigido.docx	24/05/2024 13:00:29	REGINA MARIA VASCONCELOS DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_CORRIGIDO.docx	24/05/2024 12:59:55	REGINA MARIA VASCONCELOS DA SILVA	Aceito
Outros	Curriculo_LUCIANA_FRANCO.pdf	18/12/2023 12:28:27	REGINA MARIA VASCONCELOS DA SILVA	Aceito
Outros	Curriculo_GEORGE_DIMECH.pdf	18/12/2023 12:28:07	REGINA MARIA VASCONCELOS DA SILVA	Aceito
Outros	Curriculo_RITA_MAIA.pdf	18/12/2023 12:27:49	REGINA MARIA VASCONCELOS DA SILVA	Aceito
Outros	Curriculo_REGINA.pdf	18/12/2023 12:26:26	REGINA MARIA VASCONCELOS DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_assinado.pdf	05/12/2023 11:43:52	REGINA MARIA VASCONCELOS DA SILVA	Aceito

Endereço: Rua Dom Manuel de Medeiros, s/n Dois Irmãos, 1º andar do Prédio Central da Reitoria da UFRPE
Bairro: Recife **CEP:** 52.171-900
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)3320-6638 **E-mail:** cep@ufrpe.br

UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DE PERNAMBUCO -
UFRPE



Continuação do Parecer: 6.877.055

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_PMPSU_Regina.pdf	04/12/2023 17:36:46	REGINA MARIA VASCONCELOS DA SILVA	Aceito
Outros	Questionario_2.pdf	04/12/2023 16:41:48	REGINA MARIA VASCONCELOS DA SILVA	Aceito
Outros	Questionario_1.pdf	04/12/2023 16:38:37	REGINA MARIA VASCONCELOS DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_VIRTUAL.pdf	04/12/2023 16:29:03	REGINA MARIA VASCONCELOS DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_MAIORES_DE_18_ANOS_OU_E MANCIPADOS_modelo_CEPURPE.pd f	04/12/2023 16:28:00	REGINA MARIA VASCONCELOS DA SILVA	Aceito
Outros	Termo_de_compromisso_e_confidencial idade_assinado.pdf	04/12/2023 16:21:33	REGINA MARIA VASCONCELOS DA SILVA	Aceito
Outros	CartaAnuencia_Regina.pdf	04/12/2023 16:19:56	REGINA MARIA VASCONCELOS DA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RECIFE, 10 de Junho de 2024

Assinado por:
ANNA CAROLINA SOARES ALMEIDA
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Dom Manuel de Medeiros, s/n Dois Irmãos, 1º andar do Prédio Central da Reitoria da UFRPE
Bairro: Recife CEP: 52.171-900
UF: PE Município: RECIFE
Telefone: (81)3320-6638 E-mail: cep@ufrpe.br

ANEXO II - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Para pesquisas on-line com maiores de 18 anos



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE MEDICINA VETERINÁRIA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM SAÚDE ÚNICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA PESQUISAS ON-LINE COM MAIORES DE 18 ANOS

Convidamos você para participar como voluntário (a) da pesquisa: Educação em Saúde sobre o risco de transmissão da raiva e a presença de animais errantes nos *Campi* da UFRPE, que está sob a responsabilidade da pesquisadora Regina Maria Vasconcelos da Silva, do Departamento de Biologia da UFRPE, Rua Dom Manoel de Medeiros, s/n, Dois Irmãos, Recife-PE, Brasil, 52171-900, telefone: (81) 996448469, e-mail: regina.vasconcelos@ufrpe.br e orientação da Prof.^a Rita de Cássia Carvalho Maia, do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE, telefone: (81) 992741585, e-mail: rita.carvalho@ufrpe.br. Também participam desta pesquisa os colaboradores: George Santiago Dimech, gerente do Núcleo de Vigilância e Resposta das Emergências em Saúde Pública da Secretaria Estadual de Saúde de Pernambuco, telefone: (81) 994162849, e-mail: gsdimech@gmail.com e Profa. Luciana de Oliveira Franco, do Departamento de Biologia da UFRPE, telefone: (81) 988455738, e-mail: luciana.franco@ufrpe.br

Todas as suas dúvidas podem ser esclarecidas com o responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde em participar do estudo, guarde uma cópia deste termo eletrônico em seus arquivos para consultar quando necessário. Você também pode solicitar aos pesquisadores uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados acima.

Você está livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade. Caso deseje participar do estudo, a sua aceitação será registrada por formulário eletrônico antes de iniciar o questionário para coleta de dados.

Descrição da pesquisa: A raiva é uma doença infecciosa viral aguda grave, que acomete os mamíferos, incluindo o homem, e caracteriza-se como uma encefalite progressiva e aguda com letalidade de aproximadamente 100%. Os cães e gatos representam as principais fontes de infecção nas áreas urbanas. A presença de cães e gatos errantes no ambiente universitário, além de gerar discordância entre a comunidade acadêmica, também representa um risco à saúde pública e ao meio ambiente. A raiva é uma das zoonoses mais importantes e, por tratar-se de uma doença grave e com altíssima taxa de letalidade, torna a conscientização das pessoas sobre esta doença muito necessária, já que esses animais constituem um importante obstáculo ao controle da raiva. A presente pesquisa tem como objetivo desenvolver Ações de Educação em Saúde para a comunidade acadêmica e tutores de animais dos *Campi* da UFRPE, acerca do risco de transmissão da raiva ligado aos animais errantes que circulam nesses locais. Para isso será aplicado, inicialmente, um questionário para realizar um diagnóstico situacional sobre o conhecimento da comunidade acadêmica da UFRPE sobre animais errantes e o risco de transmissão da Raiva nos *Campi* da UFRPE. Posteriormente, serão realizadas ações educativas/eventos presenciais e/ou on-line nas Unidades Acadêmicas e Estações Avançadas da UFRPE com docentes, técnico-administrativos, estudantes, terceirizados e tutores de animais. Nessas ações serão aplicados questionários estruturados, com questões fechadas, de múltipla escolha, antes e depois das atividades, para que possamos avaliar o conhecimento do participante antes e depois de cada intervenção.

Procedimentos para coleta de dados através de questionário: a pesquisa será realizada por meio de um questionário on-line, utilizando a ferramenta Google Forms (serviço gratuito para criar formulários on-line)

constituído por 16 (dezesesseis) perguntas. Estima-se que você precisará de aproximadamente 5 minutos para responder o questionário que será enviado a você por e-mail. A precisão de suas respostas é determinante para a qualidade da pesquisa.

Possíveis desconfortos causados pela pesquisa, medidas adotadas para minimização e providências em caso de dano. Ao participar da pesquisa, você poderá sentir cansaço mental, cansaço físico, aborrecimento ao responder questionários, vergonha por não conseguir responder algumas questões em relação ao assunto abordado, estresse. Além disso, o ambiente virtual oferece o risco de invasão de privacidade e divulgação de dados confidenciais, devido ao download acidental de malwares (softwares maliciosos). Caso não deseje mais participar não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade. Caso necessite de ajuda profissional, você poderá procurar atendimento nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), que são lugares onde oferecem serviços de saúde abertos para a comunidade e contam com uma equipe diversificada que trabalha em conjunto para atender às necessidades de saúde mental das pessoas. São 127 unidades em todo o Estado, sendo 17 com funcionamento 24 horas e 11 com foco no acolhimento do público infanto-juvenil. Isso significa uma cobertura de 1.04 CAPs por 100 mil habitantes. Telefone: (81) 3184.0581/0583 (Gerência de Saúde Mental).

Você poderá combinar com os pesquisadores, o momento mais conveniente para responder o questionário. Você tem o direito de não responder a uma ou mais perguntas sem precisar explicar a sua decisão.

Durante a pesquisa, as informações coletadas serão armazenadas em computador protegido com senha, firewall e antivírus. Periodicamente, serão realizadas cópias de segurança dos dados em dispositivo USB e disco rígido externo. Esses cuidados serão tomados para contornar os riscos inerentes ao mundo virtual e as limitações dos equipamentos eletrônicos utilizados.

Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo. Concluído o estudo, o pesquisador armazenará as informações coletadas em dispositivo eletrônico local, (HD externo, computador pessoal e dispositivo USB) apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem". Os dados coletados ficarão guardados sob a responsabilidade da pesquisadora Regina Maria Vasconcelos da Silva, no endereço acima informado, pelo período mínimo de 5 anos.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores, assim como será oferecida assistência integral, imediata e gratuita, pelo tempo que for necessário em caso de danos decorrentes desta pesquisa.

Os voluntários serão beneficiados indiretamente, pois como participantes irão contribuir para o enriquecimento de conhecimentos sobre os animais errantes dos *Campi* da UFRPE e o risco de transmissão da raiva, que irão nortear as ações de Educação em Saúde que são de suma importância para prevenção de doenças, além de despertar a cidadania, responsabilidade pessoal e social, bem como a formação de multiplicadores de conhecimentos.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFRPE no endereço: Rua Manoel de Medeiros, S/N Dois Irmãos – CEP: 52171-900 Telefone: (81) 3320.6638 / e-mail: cep@ufrpe.br (1º andar do Prédio Central da Reitoria da UFRPE, ao lado da Secretaria Geral dos Conselhos Superiores). Site: www.cep.ufrpe.br.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRPE, com Parecer Consubstanciado nº 6.877.055 e CAAE 78866023.1.0000.9547

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento para participar da pesquisa.

- Aceito participar da pesquisa
- Não aceito participar da pesquisa

ANEXO III - Questionário



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE MEDICINA VETERINÁRIA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM SAÚDE ÚNICA

Projeto de Pesquisa

Educação em Saúde sobre o risco de transmissão da raiva e a presença de animais errantes nos *Campi* da UFRPE.

Questionário 1

Diagnóstico situacional sobre a percepção da comunidade acadêmica da UFRPE sobre animais errantes e risco de transmissão da raiva.

Coordenação

Profa. Dra. Rita de Cássia Carvalho Maia
Regina Maria Vasconcelos da Silva

Nome:	Idade:
Vínculo com a UFRPE: () Docente () Técnico-administrativo () Discente () Terceirizado	Sexo () Feminino () Masculino
Escolaridade () Ensino fundamental incompleto () Ensino superior () Doutorado () Ensino fundamental completo () Especialização () Ensino médio () Mestrado	
1. Você tem animal de estimação? () Sim () Não Se sim, qual (is) espécie(s)? () cão () gato () hamster () coelho () porco () galinha () pato () cavalo () ovelha () vaca () outro: Obs: pode assinalar mais de uma opção	
2. Faz vacinação? () Sim () Não Quais?	
3. Faz vermifugação? () Sim () Não Quando?	
4. O animal tem vida livre? () sim () não	
5. O animal já ficou doente? () sim () não	

<p>se sim, quais medidas foram tomadas? <input type="checkbox"/> Tratou em casa <input type="checkbox"/> Levou a um veterinário <input type="checkbox"/> Não fez nada <input type="checkbox"/> NDA.</p>
<p>6. Você já foi mordido ou arranhado por algum animal dentro da UFRPE? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p>Se sim, qual espécie? <input type="checkbox"/> cão <input type="checkbox"/> gato <input type="checkbox"/> outro: _____</p> <p>Se sim, quais foram as medidas tomadas? <input type="checkbox"/> Lavou com água e sabão, <input type="checkbox"/> Automedicou-se, <input type="checkbox"/> Procurou o Departamento de Qualidade de Vida da UFRPE <input type="checkbox"/> Foi a um médico <input type="checkbox"/> Não fez nada, <input type="checkbox"/> NDA.</p> <p>Se sim, tomou vacina contra raiva? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não</p>
<p>7. Pra você, os animais que circulam na UFRPE representam: <input type="checkbox"/> um problema de saúde pública, representando riscos para transmissão de doenças, inclusive a raiva. <input type="checkbox"/> falta de fiscalização da UFRPE para combater o abandono de animais <input type="checkbox"/> falta de conscientização e mau comportamento das pessoas que abandonam e acreditam que a UFRPE é o local ideal para eles, pela presença do Hospital Veterinário <input type="checkbox"/> todas as alternativas acima <input type="checkbox"/> não me incomoda com isso</p>
<p>8. Você costuma alimentar os animais que circulam na UFRPE: <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não</p> <p>Se sim, porquê? : <input type="checkbox"/> pra não jogar fora a comida que sobrou <input type="checkbox"/> porque tenho pena deles <input type="checkbox"/> porque tenho facilidade em conseguir ração para eles <input type="checkbox"/> outro motivo: _____</p>
<p>9. Para você o que é zoonose? <input type="checkbox"/> doença transmitida dos animais para o homem <input type="checkbox"/> doença transmitida do homem para os animais <input type="checkbox"/> doença transmitida dos animais para o homem e vice-versa <input type="checkbox"/> NDA</p>
<p>10. Quem pode pegar Raiva? <input type="checkbox"/> Somente cão <input type="checkbox"/> Somente cão, gato, animais domésticos e silvestres <input type="checkbox"/> Humanos, mamíferos domésticos e silvestres <input type="checkbox"/> Somente humanos <input type="checkbox"/> NDA.</p>
<p>11. Como ocorre a transmissão da Raiva? <input type="checkbox"/> Por alimento contaminado por fezes de animais <input type="checkbox"/> Por água contaminada <input type="checkbox"/> Pelo contato com a saliva do animal infectado, arranhão, mordedura <input type="checkbox"/> NDA.</p>
<p>12. Você conhece os sintomas da raiva? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não.</p> <p>Quais destes seriam sintomas: <input type="checkbox"/> Irritabilidade <input type="checkbox"/> Salivação <input type="checkbox"/> Parálisia <input type="checkbox"/> todas as alternativas <input type="checkbox"/> outros</p>
<p>13. O que fazer se você encontrar algum animal com sintomas da raiva na UFRPE ou</p>

<p>na rua? <input type="checkbox"/> Se aproximar do animal, pegar ele no colo e levar a algum veterinário <input type="checkbox"/> Não fazer nada <input type="checkbox"/> Não se aproximar do animal e pedir ajuda ao centro de controle de zoonoses da sua cidade, <input type="checkbox"/> NDA.</p>
<p>14. Você já avistou algum animal silvestre na UFRPE? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não</p> <p>Se sim, qual (is): <input type="checkbox"/> sagui <input type="checkbox"/> timbu <input type="checkbox"/> raposa <input type="checkbox"/> capivara <input type="checkbox"/> outro: _____</p>
<p>15. O que devo fazer se tiver contato com animais que podem transmitir a raiva? <input type="checkbox"/> Apenas lavar o local do contato com água e sabão <input type="checkbox"/> Automedicar-se <input type="checkbox"/> Não fazer nada, <input type="checkbox"/> Procurar uma unidade de saúde mais próxima com urgência <input type="checkbox"/> NDA.</p>
<p>16. Como podemos prevenir os animais de contrair a Raiva? <input type="checkbox"/> Evitar que ele tenha contato com qualquer outro animal <input type="checkbox"/> Não deixá-lo sair na rua <input type="checkbox"/> vaciná-lo anualmente contra a raiva <input type="checkbox"/> NDA.</p>